



**Ebal Sant'Anna Bolacio Filho**

**As diversas formas do pronome interrogativo que:**

**(O) que ((é) (que)) se deve ensinar ao aprendiz de português PL2/E?**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Rosa Marina de Brito Meyer

Rio de Janeiro  
Março de 2007

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



**Ebal Sant'Anna Bolacio Filho**

**As diversas formas do pronome interrogativo que:**

**(O) que ((é) (que)) se deve ensinar ao aprendiz de português PL2/E?**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo programa de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

---

**Profa. Rosa Marina de Brito Meyer**  
Orientadora  
Departamento de Letras – PUC-Rio

---

**Profa. Eneida do Rego Monteiro Bomfim**  
Departamento de Letras – PUC-Rio

---

**Prof. Pierre François Georges Guisan**  
Departamento de Letras Neo-Latinas– UFRJ

---

**Profra. Mônica Maria Guimarães Savedra**  
Departamento de Letras – PUC-Rio

---

**Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade**  
Coordenador Setorial do Centro de Teologia  
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 22 de março de 2007

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

### **Ebal Sant'Anna Bolacio Filho**

Graduou-se em Letras na Uerj (Licenciatura português-francês) em 1986. Cursou Estudos Latino-americanos e Asiáticos e Filologia Hispânica na Goethe-Universität, Frankfurt, Alemanha, de 1997-2002, tendo obtido o título de *Magister Artium* com o tema “Palavras portuguesas no Malaio-Indonésio atual”. Participou de vários cursos e congressos na área de ensino de línguas estrangeiras (alemão, português, francês e espanhol). Especialização em ensino de Alemão pela UFBA e Universidade de Kassel, Alemanha. Coordenador de Língua Alemã do Colégio Cruzeiro – Centro, Rio de Janeiro.

#### Ficha Catalográfica

Bolacio Filho, Ebal Sant'Anna

As diversas formas do pronome interrogativo que: (O) que (é) (que) se deve ensinar ao aprendiz de português PL2/E? / Ebal Sant'Anna Bolacio Filho ; orientadora: Rosa Marina de Brito Meyer. – 2007.

99 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Letras)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Pronome interrogativo que. 3. Interrogação. 4. Funcionalismo. 5. Português para estrangeiros. I. Meyer, Rosa Marina de Brito. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

## Agradecimentos

À minha mãe, *in memoriam*, que sempre me apoiou incondicionalmente em tudo.

À Professora Doutora Rosa Marina de Brito Meyer, que sempre me ajudou a ver, de maneira profissional e competente, o caminho a seguir, sem jamais deixar de ver no orientando o ser humano. Com ela aprendi a conjugar o verbo orientar de forma decidida com a necessária dose de suavidade.

Às Professoras Doutoras Eneida Bomfim e Marina Augusto, a quem devo muitos momentos de sabedoria e crescimento.

Aos meus amigos, parentes e colegas de trabalho que tantas vezes me ouviram discorrer sobre o tema desta dissertação.

Aos meus alunos estrangeiros por terem sido a inspiração para este trabalho.

## Resumo

Bolacio Filho, Ebal Sant'Anna, Meyer, Rosa Marina de Brito (orientadora) **As diversas formas do pronome interrogativo *que*:(O) *que* ((*é*) (*que*)) se deve ensinar ao aprendiz de português PL2/E?** Rio de Janeiro, 2007. 99 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho trata do pronome interrogativo *que* no português falado no Brasil atualmente. Já foram detectadas sete diferentes formas de estruturas interrogativas para esse pronome interrogativo (*que*, *o que*, *o que é que*, *que é que*, *o que que*, *que que*, *o quê in-situ*), sem que no entanto tivesse sido feita uma análise que levasse em conta fatores de ordem pragmática. O presente estudo faz uma análise de base funcionalista a partir de um *corpus* de língua falada com o objetivo de depreender as regras de uso das várias formas do pronome interrogativo *que* visando sua aplicação ao ensino de português como língua estrangeira/ segunda língua.

## Palavras-chave

Pronome interrogativo *que*; interrogação; funcionalismo; português para estrangeiros.

## Abstract

Bolacio Filho, Ebal Sant'Anna, Meyer, Rosa Marina de Brito (orientadora) **As diversas formas do pronome interrogativo que:(O) que ((é) (que)) se deve ensinar ao aprendiz de português PL2/E?** Rio de Janeiro, 2007. 99 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

There have been detected many structures for the interrogative pronoun *que* (*que, o que, o que é que, que é que, o que que, que que, o quê in-situ*) in spoken brazilian portuguese. This paper focusses on the pragmatic functions of these forms, trying to deprehend the mechanism of their use, so that they can be properly explained to foreigners who learn brazilian portuguese.

## Keywords

Interrogative pronoun *que*; interrogative mood; functionalism; portuguese as a foreign language

## Sumário

1. Introdução	
1.1 Objetivos e hipóteses	8
1.2 Metodologia	11
1.3 Pressupostos teóricos	13
2. A interrogação na tradição gramatical do PB e do Francês	
2.1 Gramáticas brasileiras para falantes nativos	20
2.2 Gramáticas do Português para estrangeiros	22
2.3 Gramáticas descritivas do Português	28
2.4 Livros didáticos de PL2	32
2.5 A interrogação no PB em textos teóricos	36
2.6 O caso do Francês	43
3. Que Português ensinar?	50
4. Análise de dados	55
5. Conclusão	68
6. Bibliografia	70
7. Anexos	76

# 1 Introdução

## 1.1 Objetivos e hipóteses

O presente trabalho se insere na linha de pesquisa da PUC-Rio que tem por objetivo identificar, analisar e descrever fenômenos lingüísticos do português brasileiro, com vistas ao desenvolvimento do ensino/aprendizagem dessa língua a/por falantes de outras línguas. A relevância desse tipo de pesquisa advém da constatação de que muitos estrangeiros que aprendem nosso idioma em outros países ao chegarem ao Brasil e terem contato com falantes do português como primeira língua em situações mais distensas, coloquiais, se deparam com estruturas totalmente desconhecidas para eles.

Tal situação se dá porque a abordagem feita pelos autores de manuais dedicados ao ensino de português como língua não-materna geralmente se baseia nas gramáticas normativas tradicionais, as quais apresentam uma norma-padrão muitas vezes estranha e/ou inatingível até mesmo para falantes nativos e escolarizados do português brasileiro, como será visto no cap. 3.

Esse fato pode ser constatado quando se observa a interrogação no português do Brasil (doravante PB), pois nosso idioma desenvolveu várias estratégias interrogativas (com movimento *qu-*, clivadas, *in-situ*), as quais parecem estar em um processo de ocorrência simultânea nos dias atuais. Infelizmente, esse fenômeno não é nem sequer citado pela maioria das obras didáticas destinadas ao ensino de português como língua estrangeira, o que representa uma lacuna imensa quando se compara com a descrição de línguas com maior tradição na área de ensino de idiomas a estrangeiros, como é o caso do francês.

No caso específico do presente trabalho, trata-se do pronome interrogativo *que*, o qual apresenta no português brasileiro atual sete variantes (*que*, *o que*, *o que é que*, *que é que*, *o que que*, *que que e o quê in-situ*) já detectadas e analisadas principalmente por sintaticistas, como será visto no capítulo 2.

Dito isso, será o objetivo desta dissertação:

- identificar a norma utilizada por falantes urbanos, com escolaridade média a alta, o que fornecerá subsídios para que se ensinem ao aprendiz de português estruturas interrogativas que possibilitem que ele interaja de forma pragmaticamente eficaz.
- estudar o comportamento do pronome interrogativo *que* no português brasileiro através de um corpus de língua oral, a fim de detectar qual é a forma canônica efetivamente utilizada atualmente no PB falado;
- descrever melhor os mecanismos que regem o uso do pronome interrogativo *que* no PB falado com vistas ao seu ensino para estrangeiros;
- identificar os valores *pragmáticos* que regem o uso das várias formas interrogativas no PB.

Nossa hipótese é que:

- o pronome interrogativo *que* passou por um processo de gramaticalização semelhante ao do pronome interrogativo correspondente no francês<sup>1</sup>, apresentando no PB como forma canônica na linguagem falada uma forma derivada provavelmente de uma estrutura clivada.
- as diferentes formas atestadas do pronome interrogativo *que* no PB atual (*que, o que, o que é que, que é que, o que que, que que, in-situ*) têm funções distintas, não sendo, portanto, sinônimas;
- além de fatores como grau de escolaridade, nível sócio-econômico, contexto, atestados como sendo relevantes na escolha de determinadas formas pelo falante em

---

<sup>1</sup> Como será visto no cap. 8, o francês falado apresenta uma forma *qu'est-ce que*, que se desenvolveu de uma estrutura clivada e que se tornou a forma canônica oral e escrita, apesar de concorrer com a forma *que* e a *in-situ quoi*.

línguas como o francês por exemplo, também são importantes fatores de ordem pragmática no uso dessas formas.

Caso se confirme a hipótese postulada, isso significa que essa forma coloquial surgida provavelmente de uma estrutura clivada, bem como as demais variantes não contempladas pela gramática tradicional, estão ainda sub-representadas nas gramáticas, bem como nos manuais de português para estrangeiros. Tal situação deveria então ser revista para que se alcançasse um maior grau de fidedignidade e de eficácia no material concebido para ensinar nossa língua materna àqueles que por ela se interessam.

## 1.2 Metodologia

Primeiramente, no capítulo 2 serão analisadas algumas gramáticas tradicionais do português com o intuito de constatar que formas são consideradas canônicas para a norma escrita atual. Para tal, foram escolhidas as gramáticas de Evanildo Bechara em sua última edição, a de Lindley Cintra e Celso Cunha e a de Rocha Lima. Serão igualmente objeto de estudo algumas gramáticas do português editadas no exterior para falantes de inglês, francês e alemão, com a finalidade de se constatar que norma é apresentada e se há alguma diferença entre gramáticas para falantes como língua materna e para estrangeiros. Ainda nessa linha de raciocínio, serão consultados livros didáticos para o ensino do português para estrangeiros, editados em sua maioria no Brasil.

Um quarto grupo será formado por gramáticas editadas no Brasil e no exterior de cunho mais descritivo, como a *Gramática do Português Falado* ou a *Gramática de Usos do Português* e a de Mira Mateus. O último grupo de textos a ser consultado será formado por textos teóricos de vários lingüistas que trataram do tema interrogação, tanto no português quanto em outras línguas.

A segunda fase da presente dissertação consistirá na análise de um *corpus* de língua falada composto por filmes brasileiros recentes, os quais apresentam uma linguagem

bem próxima e representativa do que no nosso ver deve ser ensinado aos aprendizes de português como língua estrangeira<sup>2</sup>, como será explicitado no capítulo 9.

Trata-se de filmes brasileiros modernos e duas séries de televisão, rodados entre os anos de 2002 e 2005. A escolha dos títulos não foi aleatória, já que se pretende abranger uma maior gama de situações e de níveis de língua possíveis, tentando-se assim constatar se o pressuposto no cap. 9 se confirma com dados empíricos, i.e. se a norma culta distensa realmente apresenta características também presentes nos falares mais populares, distanciando-se assim da norma-padrão preconizada pela gramática normativa.

1. Sexo, amor e traição (SAT) – um filme rodado no Rio de Janeiro, tendo como personagens pessoas de classe média alta, moradores da Zona Sul;
2. O homem que copiava (HQC) – ambientado em Porto Alegre, os personagens pertencem à classe média baixa, escolarizados;
3. Bendito o fruto (BF) – também ambientado no Rio de Janeiro, com personagens em sua maioria de classe média e classe média baixa, moradores da Zona Sul;
4. Deus é brasileiro (DB) – rodado no Nordeste brasileiro, seus personagens são moradores de pequenas cidades ou do campo, com pouca escolaridade.
5. A grande família (GF) – série ambientada no Rio de Janeiro, seus personagens moram no subúrbio, pertencem à classe média, escolarizados;
6. Os aspones (ASP) – a história se passa em Brasília, em um ministério fictício. Os personagens são funcionários públicos, escolarizados e de classe média.<sup>3</sup>

O trabalho consistiu em detectar e analisar os valores pragmáticos das estruturas interrogativas efetivamente usadas para solicitar informação sobre o argumento

---

<sup>2</sup> A escolha de um *corpus* falado está diretamente ligada ao fato que textos escritos de perguntas e respostas são em sua maioria entrevistas, que são via de regra editadas e “corrigidas” segundo a linguagem escrita, como diz Hoffnagel, J. C. ( Entrevista: uma conversa controlada. IN: Dionisio, A. P., Machado, A.R., Bezerra, M. A. *Gêneros textuais & Ensino*. Lucerna, Rio 2002, pp. 180-193)

<sup>3</sup> As abreviações ao lado dos títulos serão utilizadas para identificar as ocorrências citadas neste trabalho.

interno e externo inanimado, i.e. o pronome interrogativo *que*, tanto como sujeito quanto objeto direto, por terem se mostrado essas estruturas no decorrer do trabalho preliminar de escolha de *corpus* como aquelas que maior variabilidade apresentam.

### 1.3 Pressupostos teóricos

A interrogação é um dos elementos básicos do processo comunicativo humano. Segundo Dik (1997 : 301), as línguas do mundo possuem quatro tipos especiais de sentenças: declarativas, interrogativas, imperativas e exclamativas, as quais correspondem às ilocuções básicas. A finalidade primeira da interrogação é inquirir sobre uma informação que está faltando a um dos participantes do ato comunicativo, ou, nas palavras de Halliday (2004):

The typical function of an interrogative clause is to ask a question; and from the speaker's point of view asking a question is an indication that he wants to be told something. The fact, that in real life, people ask questions for all kinds of reasons do not call into dispute that the basic meaning of a question is a request for an answer. The natural theme of a question, therefore is 'what I want to know'.

(Halliday, 2004 : 75)

Como bem lembra Halliday na citação acima, há também perguntas que não são, do ponto de vista pragmático, pedidos de informação; algumas perguntas do tipo “você não está com calor?” podem simplesmente manifestar a intenção do falante de que seu interlocutor abra a janela ou tire uma peça de vestuário que o emissor da pergunta considere exageradamente quente para a temperatura do local. De qualquer modo, isso não invalida o fato de que o falante esteja interessado em saber se sim ou não, ainda que, indiretamente, sua intenção seja outra.

Nas línguas do mundo – e isso parece ser um universal – há dois tipos básicos de perguntas: (i) as de polaridade sim ou não, as quais sinalizam que o falante está interessado em saber se um determinado fato é verdadeiro ou não, e (ii) as perguntas que contêm um pronome ou um advérbio interrogativo, os quais representam um elemento apenas a ser confirmado ou negado, e não toda a proposição, como no caso

de (i). Essa interrogativa parcial difere em português geralmente já pela entoação da interrogativa sim/não: a oração sim/não possui uma entoação ascendente, enquanto uma oração que contém um elemento interrogativo apresenta um entoação descendente em sua parte final<sup>4</sup>.

Ainda há, contudo, a possibilidade de variações do tipo “interrogativa sim/não com entoação descendente” ou “interrogativa qu- com entoação ascendente” com objetivos pragmáticos específicos, para demonstrar incredulidade, ameaça, pedido etc. Imagine-se por exemplo uma pergunta como “Você não vai?” e as várias possibilidades de entoação da mesma: suplicando, demonstrando medo ou ameaçando. Tal fato se dá muitas vezes em línguas como o inglês suprimindo até mesmo construções sintáticas específicas de interrogação, para expressar ilocuições diferentes, como nos exemplos: “His father was a painter. His father was a painter?” (Dik 1997 : 462).

Além dessa distinção no nível suprasegmental, as orações que contêm um elemento interrogativo qu- (ou WH- na notação em inglês) possuem nas línguas do mundo por vezes estruturas sintáticas distintas daquelas usadas para a interrogativa de polaridade sim/não. O chinês, por exemplo, possui uma partícula *ma*, a qual só é usada em perguntas sim/não; a presença de um pronome interrogativo faz desnecessário o uso da partícula. O chinês tampouco conhece a inversão do sujeito nas interrogativas e os pronomes interrogativos são via de regra *in-situ*.<sup>5</sup>

No caso do inglês, é sabido que o verbo *to do* se transformou, num processo de gramaticalização que não se completou totalmente no alemão<sup>6</sup>, em um auxiliar nas orações interrogativas para a maioria dos verbos, eliminando com isso a inversão do

<sup>4</sup> Cf. Lindley & Cintra 201, p. 172

<sup>5</sup> Cf. Gemmeke, T.J. (1993) *Elementargrammatik der chinesischen Hochsprache*. Schmetterling, Stuttgart.

<sup>6</sup> O alemão conhece estruturas interrogativas com o verbo *tun* ( fazer, equivalente ao ingl. *to do*), do tipo “*was tust du essen?*” ao invés de *Was isst du?* Como na canção regional da Francônia: “Schäfer, sag, wo tust du weiden?”: <http://musicanet.org/robokopp/Lieder/schafers.html> Tais estruturas se conservaram na língua falada e regional, não tendo, porém, sido aceitas pela norma culta do *Hochdeutsch*.

sujeito. Já o alemão e o norueguês, outras duas línguas germânicas, mantiveram a estratégia de inversão em todas as interrogativas. As três línguas têm em comum o fato de o elemento *qu-* ser deslocado para a posição inicial.

Outras línguas, como o francês e o português, desenvolveram diferentes estratégias interrogativas, que vão desde a simples utilização da entoação dita “interrogativa descendente” aplicadas a estruturas declarativas, do tipo “Paul vient. Paul vient?” para as interrogativas de polaridade sim/não, até estruturas ditas de elemento *qu-* *in-situ*, passando por interrogativas clivadas e interrogativas com elemento *qu-* deslocado acompanhado ou não de inversão do sujeito para as interrogativas parciais.

Como se pode depreender das obras citadas na introdução, nosso objetivo é fazer um estudo de base funcionalista, já que pretendemos fornecer dados de ordem pragmática para que o aprendiz de português saiba quando usar qual forma interrogativa. Ainda que a entoação seja um elemento importante na fala, o presente trabalho não tratará especificamente de elementos suprasegmentais. Por outro lado, também serão levados em consideração trabalhos de cunho sintaticista, por serem eles bastante numerosos e poderem ser de interesse para o tema, sem que se persiga uma análise minuciosa da sintaxe nos moldes gerativistas.

A gramática funcional não se apresenta como uma teoria homogênea, por isso se fala na gramática funcional de Halliday, ou na gramática funcional de Dik, por exemplo. Todas elas têm, porém, em comum o fato de considerarem que os falantes não somente trocam informações, mas interagem entre si e são agentes do processo, podendo, portanto, causar mudanças na estrutura da língua com fins pragmáticos. Como diz Neves (2001):

Quando se diz que a gramática funcional considera a competência comunicativa, diz-se exatamente que o que ela considera é a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória.

(Neves 2001 : 15)

A questão da mudança lingüística é um dos temas centrais do Funcionalismo, já que se considera que os falantes são agentes do processo e que a mudança lingüística é causada por razões pragmáticas sentidas pelos falantes que da língua fazem uso. Para citar Neves mais uma vez, a gramática seria “acessível às pressões do uso” (Neves 2001 : 15). O falante age e reage em situações de comunicação de acordo com princípios pragmáticos: o emissor de uma afirmação ou pergunta tem um determinada intenção e pretende com suas palavras causar uma certa reação no destinatário. Para tal, ele pode organizar seus enunciados de modo a atingir seu objetivo. Esse fenômeno estaria na base da mudança lingüística, pois acarretaria modificações no sistema com o intuito de tornar a comunicação mais efetiva, causando o processo conhecido como gramaticalização.

Segundo Kuzlowitz (1975 *apud* Neves 1998):

Grammaticalization consists in the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a less grammatical to a more grammatical status, e. g. from a derivative formant to an inflectional one.

E Neves (1998):

Tratamos a gramaticalização, aqui, não no sentido estrito de evolução diacrônica, mas no sentido funcional de acionamento de possibilidades concomitantes, representativas de diferentes graus de coalescência semântica e/ou sintática na organização do enunciado. Mais do que evolução, o caráter gradual da gramaticalização representa escolha entre construções mais, ou menos, gramaticalizadas, entre paradigmas mais, ou menos, estabelecidos, entre itens que estão mais, ou menos, dentro da gramática.

Nesse sentido, não se pretende fazer aqui um estudo diacrônico do pronome interrogativo *que* no Português Brasileiro, mas sim tentar depreender as funções que as várias formas atestadas atualmente têm na linguagem atual, a fim de munir aqueles que aprendem nossa língua como língua estrangeira ou como segunda língua de subsídios para aprendê-la e utilizá-la de modo pragmaticamente satisfatório. Para Halliday, que trabalha com a noção de estrutura temática, e com os conceitos tema e rema - mas também dado e novo – o elemento interrogativo *qu-* seria sempre o tema da oração:

In a WH- interrogative, which is a search for a missing piece of information, the element that functions as Theme is the element that requests this information, namely the WH- element. It is the WH- element that expresses the nature of the missing piece: *who, what, when, how*, etc. So in a WH- interrogative the WH- element is put first no matter what other function it has in the mood structure of the clause, whether Subject, Adjunct or Complement. The meaning is ‘I want you to tell me the person, thing, time manner, etc.’

(Halliday 2004 : 75)

Claro está que o tema não tem que ocupar sempre a primeira posição em todas as línguas; muitas línguas européias possuem essa estrutura, mas nem todas, como é o caso do francês. O que Halliday diz a seguir é válido inicialmente para o inglês e para muitas línguas, mas não, por exemplo, para o português brasileiro e o francês:

Interrogative clauses, therefore, embody the thematic principle in their structural make-up. It is characteristic for an interrogative clause in English that one particular element comes first; and the reason for this is that that element, owing to the very nature of a question, has the status of a Theme. The speaker is not making an instantial choice to put this element first; its occurrence in first position is the regular pattern by which the interrogative is expressed. It has become part of the system of the language, and the explanation for this lies in the thematic significance that is attached to first position in the English clause.

(Halliday 2004 : 75)

Halliday parte da estrutura do inglês, mas sabe-se que essa afirmação não é válida para todas as línguas, já que há várias línguas com *qu- in-situ*, como o chinês, o indonésio ou o PB. O inglês só conhece interrogações *in-situ* com o caráter de pergunta-eco, a qual tem uma entoação distinta (Halliday 2004 : 142). O que é importante ressaltar no que diz Halliday na citação acima é o caráter de forma gramaticalizada da interrogação em inglês, onde o falante não teria a possibilidade de escolha. Questões pragmáticas que outras línguas – e possivelmente o PB – resolveriam com variações estruturais, seriam resolvidas em inglês pela entoação, como nos mostra Halliday (2004 : 141-143), e não pela sintaxe.

Quanto às interrogações clivadas, Halliday não se dedica especificamente a elas, já que estruturas do tipo “What is that you said” não são tão comuns em inglês quanto no PB ou no francês, não tendo alcançado o grau de gramaticalização atestado para o

francês <sup>7</sup>. No entanto, Halliday discorre bastante detalhadamente sobre a estrutura clivada, sem porém mencioná-la em interrogativas. Ao falar de *theme predication*, Halliday diz ser a estrutura clivada uma das possibilidades existentes em inglês para realçar o tema, para colocá-lo em foco:

There is one further resource which figures prominently in the organization of the clause as message. This is the system of THEME PREDICATION, which involves a particular combination of thematic and informational choices. Here are some examples from spoken discourse:

it was **Jane** that started it  
 it wasn't **the job** that was getting me down  
 is it **Sweden** that they come from?  
 it was **eight years ago** that you gave up smoking

(Halliday 2004 : 95)

As estruturas clivadas são bastante comuns no português brasileiro. Clivadas são, como diz Halliday na citação acima, estruturas que dirigem o foco de atenção para um dado elemento da oração através da utilização do verbo ser e um complementizador, geralmente com a estrutura Ser+elementofocalizado+Compl. Distinguem-se, no entanto, vários tipos de estruturas clivadas, pseudo-clivadas, clivadas invertidas, pseudo-clivadas invertidas<sup>8</sup>, mas no presente estudo só nos interessará a estrutura clivada com *é que*, que, é nas palavras da pesquisadora alemã nascida no Brasil Tinka Reichmann, em sua tese de doutorado sobre as estruturas clivadas no PB

A locução *é que* é o resultado de um processo de gramaticalização e é descrita em muitas gramáticas e livros didáticos como uma partícula invariável de realce. Em muitos casos, a locução é realmente invariável, em outros, contudo, o verbo pode estar em uma forma do passado (*era que, foi que*) ou mesmo do futuro do pretérito (*seria que*). A locução com a forma futura será que também é uma variante flexionada.

( Reichmann 2005 : 128) (tradução própria)<sup>9</sup>

<sup>7</sup> Numa breve pesquisa feita com a máquina de busca de [www.google.com](http://www.google.com), foram constatadas, porém, 1.260.000 formas “what is that you said?”, as quais parecem ser realmente enfáticas.

<sup>8</sup> (cf. Reichmann 2005 : 25ff)

<sup>9</sup> Die Lokution *é que* ist das Ergebnis eines Grammatikalisierungsprozesses und wird in vielen Grammatiken und Lehrbüchern als unveränderliche Hervorhebungspartikel beschrieben. In vielen Fällen ist die Lokution tatsächlich nicht flektierbar, in anderen

A discussão sobre a diferença pragmática entre *é que* vs. *foi que*, será objeto de estudo mais detalhado adiante.

Para o lingüista holandês Simon Dik, o elemento interrogativo ocuparia a posição P1 dentro de seu conhecido esquema:

P2, P1, (v), s, (v) o (v), P3

P1 seria a posição não só das palavras *qu-*, mas também de pronomes relativos e conectores subordinativos. Caso não se preencha tal posição com um desses elementos, estaria ela livre para ser ocupada por algum outro elemento com as funções pragmáticas de tópico ou foco. Equivaleria isso a dizer que as palavras *qu-* não seriam intrinsecamente focais, podendo ser, por tanto focalizadas? Dik afirma que a categoria pragmática de foco pode ser assinalada por:

- (i) *prosodic prominence*: emphatic accent on (part of the) focussed constituent;
- (ii) *special constituent order*: special positions for Focus constituents in the linear order of the clause;
- (iii) *special Focus markers*: particles which mark off the Focus constituent from the rest of the clause;
- (iv) *special Focus constructions*: constructions which intrinsically define a specific constituent as having the Focus function.

(Dik 1997 : 326)

Se considerarmos as formas não-canônicas da interrogação no PB, as quais serão analisadas no decorrer deste trabalho, como sendo enfáticas ou focalizadas no sentido que Dik dá ao termo, teríamos então duas formas: uma marcada com uma construção especial de foco (*o que é que*) e outra com uma ordem especial dos constituintes da oração (*in-situ*). No entanto, Dik afirma, referindo-se às palavras *qu, que*:

---

jedoch kann das Verb durchaus in einer Vergangenheits- (*era que, foi que*) oder Konditionalsform (*seria que*) stehen. Auch die Lokution mit der Zukunftsform *será que* in Fragesätzen stellt eine flektierte Variante dar. (Reichmann 2006 : 128)

In other words, a Qu-word question is a means of signalling that one has some gap in one's information, and for requesting A to fill in this gap. It is clear that the question word (where in (38)), is the element which signals and identifies the gap in X's information, and thus pertains to the presumed difference between Ps and (PA)s. Therefore, the question word is the focal element in the question.

(Dik 1997 : 328-329)

O que equivale a dizer que o elemento interrogativo já seria focal, mas que admitiria um reforço de seu status pragmático: “Indeed, if a language has special strategies for the expression of Focus constituents, these strategies will typically be also used for question words” (Dik 1997 : 329).

Dik cita os vários tipos de interrogação encontrados nas línguas do mundo como sendo:

*Questioning Focus:* Q-word questions universally contain a questioned constituent which marks the information gap. Across languages, Q-constituents are treated in three main ways: (i) they are placed *in situ*, in the normal position for the corresponding non-questioned constituent; (ii) they are placed in a “special position” (most commonly, the initial P1 position); (iii) they are placed in the Focus position of a special Focus construction; in this case, they can again be placed *in situ* or in a special position (most commonly P1).

(Dik 1997 : 458)

O português brasileiro seria sincronicamente uma língua que teria todas essas possibilidades. O que precisa ser investigado a partir do *corpus*, é, então, se essa noção focal está realmente sendo realçada nas várias estruturas que parecem coexistir no português brasileiro atual, se há valores pragmáticos distintos e mensuráveis ou se se trata de variantes determinadas por fatores sociolingüísticos, como foi atestado para o francês e será visto posteriormente neste trabalho, já tendo alcançado o grau de gramaticalização que hoje tem o pronome interrogativo *qu'est-ce que*.

## 2

### A interrogação na tradição gramatical do PB e do francês

#### 2.1 Gramáticas brasileiras para falantes nativos

Cunha & Cintra (2001) mencionam primeiramente a forma *que*, a qual seria a forma canônica para a pergunta sobre algo “quando significa “que coisa” (Cunha & Cintra, 2001 : 353). Ainda apresentam o pronome *que* seguido de substantivo com o sentido de “que espécie de”, o qual não é relevante para o presente trabalho. Mais interessante é o fato de mencionarem a forma *o que*, a qual poderia ser utilizada como forma enfática em substituição à forma simples *que*.

Os dois autores vão mais além ao mencionarem a possibilidade de serem formadas estruturas clivadas, tanto da forma canônica *que*, quanto da forma dita enfática *o que*. Isso equivale a dizer que há duas formas clivadas: *O que é que* e *que é que*. Exemplificam utilizando um autor brasileiro (Clarice Lispector) e um português (Teixeira de Pascoaes). No exemplo de Clarice Lispector, trata-se de uma fala de um personagem, o que apontaria para a coloquialidade da forma em questão: “Que é que o senhor está fazendo? gritou-lhe (C. Lispector, *ME*, 313)” (Cunha & Cintra 2001 : 354).

Em uma observação, os autores da *Nova Gramática da Língua Portuguesa* atentam para o fato de que não existe nenhuma razão para que se condene o uso anteposto de *o a que* na forma dita enfática – fato para o qual já haviam atentado Heráclito Graça e Said Ali. Tal observação deixa entrever uma polêmica que suscitou réplicas e tréplicas, a qual teve lugar no início do século passado e da qual foram protagonistas Said Ali, Heráclito Graça, de um lado, e Cândido de Figueiredo, de outro. Essa polêmica será objeto de estudo mais detalhado posteriormente.

Evanildo Bechara (1999) é bem mais sucinto ao tratar das orações interrogativas. Diz ser o pronome *que* a forma canônica, mas também afirma que “Em lugar de que pode-se usar a forma enfática o que.” (Bechara 1999 : 170).

Tal informação é bem menos detalhada que as fornecidas pela gramática elaborada pelos dois estudiosos Cunha e Cintra, e deixa entrever um conservadorismo gramatical bastante acentuado da parte de Evanildo Bechara. Ainda que seja uma gramática normativa e tradicional, seria de se esperar que mencionasse fatos da língua que já estão em franca mudança, como fizeram os gramáticos brasileiro Cunha e o português Cintra.

Em sua *Gramática escolar da Língua Portuguesa*, menciona um tipo de interrogação não-canônico quando fala de expressões expletivas ou de realce: “Quanto que é a conta?” (Bechara 2002b :481). Já em outro capítulo, tratara do que denomina *que* expletivo, dizendo que “Muitas vezes emprega-se *que* depois de advérbio onde, a rigor, poderia ser dispensado.(...) Puristas têm condenado, sem razão, tais modos de dizer”(Bechara 2002b : 367).

Parece-nos incongruente da parte do autor não ter mencionado a possibilidade de uma forma do tipo pronome interrogativo + *que* no capítulo dedicado à interrogação, mas é louvável a introdução de uma exemplo como o acima, ainda que não faça nenhuma menção ao seu valor sociopragmático. Como diz que a utilização de um *que* expletivo depois de advérbios não é fato condenável, seria plausível depreender que o autor também consideraria aceitável o *que* após qualquer pronome interrogativo, como no exemplo acima citado.

Rocha Lima (1999) trata bem sucintamente dos pronomes interrogativos, dizendo que:

Paralelamente a *que* (: que coisa?), é lícito usar a forma reforçada *o que*:

- *Que* procuras aqui?
- *O que* procuras aqui?

(Lima 1999 : 117)

Não menciona outras formas do pronome *que* nesse capítulo, mas as menciona indiretamente em outros, como por exemplo, as interrogativas *in-situ*, quando fala da tonicidade:

Vocábulos normalmente átonos podem tornar-se tônicos, assim como não é raro que vocábulos tônicos se debilitem em vários graus de atonicidade – tudo conforme a situação de uns e de outros nos grupos acentuais:

Exemplos:

- |                         |                        |
|-------------------------|------------------------|
| a) <i>Que</i> diSSESte? | ( <i>que</i> : átono)  |
| Apague/ o <i>QUÊ</i> ?  | ( <i>quê</i> : tônico) |

(Lima 1999 : 33)

Rocha Lima não menciona as interrogativas clivadas com *é que*, mas menciona essa expressão: “Como elemento de realce, vale-se a língua da locução *é que*, idiotismo português de grande valor expressivo” (Rocha Lima 1999 : 407).

11) Na expressão idiomática - *é que* – temos exemplo, entre outros, do emprego da partícula *que* sem função lógica, a serviço da ênfase:

Nós (*é que*) erramos. Vocês (*é que*) acertaram.

(Lima 1999 : 331)

## 2.2 A interrogação nas gramáticas do português para estrangeiros

A *Essential Portuguese Grammar*, de Alexander da R. Prista (1996) , publicada em Nova Iorque para falantes do inglês, fala das várias possibilidades de se fazer uma pergunta em português, desde a simples entoação descendente para perguntas de polaridade sim/não, inversão do sujeito (que não é mais tão relevante para o PB)<sup>1</sup> até

<sup>1</sup> Há vários trabalhos, tanto de cunho formalista quanto funcionalista, que se debruçaram sobre esse tema, já existindo uma visão bastante ampla sobre a questão da inversão do sujeito no PB. (cf. Berlinck (1989) e Duarte (1992).

estruturas do tipo *question tags* (não é verdade?). Sobre o pronome *que*, apresenta a forma simples *que* como sendo a canônica e menciona a forma *o que* como sendo uma variante, sem falar de ênfase:

O *que* is often used instead of *que* to translate the interrogative pronoun “what”:

O *que* diz meu irmão?

What does my brother say?

(Prista, 1996 : 11)

Earl W. Thomas (1975) em sua *A Grammar of Spoken Brazilian Portuguese*, menciona as formas *que* e *o que*, sem maiores explicações de uso ou sem questionar se se trata de uma forma enfática ou não, mas tece comentários sobre a não-inversão do sujeito quando se utiliza a forma clivada com *é que*: “Very often BP uses the interrogative word followed by the phrase *é que*. The following clause is always arranged with the subject before the verb” (Thomas 1997 : 27). O objetivo do autor não é falar de como ou quando se usa a forma clivada, mas sim da inversão ou não do sujeito.

Em seu *Portuguese Verbs and Essentials of Grammar*, a autora Sue Tyson-Ward (1997) trata inicialmente da questão das orações de polaridade sim/não, afirmando que basta manter a estrutura da declarativa e levantar a entoação no final da frase para obter uma pergunta. Quanto aos pronomes interrogativos, menciona as formas *que* e *o que* como variantes, juntas e sem mencionar ênfase ou outra explicação para esse fato. A questão da ênfase aparece mais adiante, quando menciona as formas com *é que* “Portuguese questions often use *é que* in an extended interrogative form (like the French *est-ce que* to add emphasis”<sup>2</sup> (Tyson-Ward 1997 : 101).

Como na gramática de Tyson-Ward, as autoras de *Portuguese: an Essential Grammar*, Hutchinson and Lloyd (1996) apresentam as formas *que* e *o que* lado a

---

<sup>2</sup> Não entraremos na discussão sobre a questão de a expressão *est-ce que* no francês ainda ter um caráter enfático ou não.

lado, sem maiores explicações, o que nos leva a entender que seriam variantes semântica e pragmaticamente equivalentes. Também essa gramática trata da forma com *é que* usando o termo ênfase: “**É que** is often added to the interrogative pronouns to give emphasis” (Hutchinson & Lloyd 1996 : 49).

Essa apresentação dos pronomes *que* e *o que* como meras variantes, sem que a forma precedida de *o* tenha uma idéia de ênfase, representa uma mudança em relação às gramáticas tradicionais brasileiras, as quais continuam tratando a forma *que* como canônica, e apresentam a precedida de *o* como sendo enfática, o que parece realmente não mais ser o caso no Brasil.<sup>3</sup>

Em sua *Modern Portuguese. A Reference Grammar*, Mário A. Perini (2002) apresenta os pronomes interrogativos distinguindo *que* e *o que*; diz ainda que *que* seria a forma que precederia um substantivo, equivalente ao inglês *which, what*; já *o que* seria a forma independente, equivalente ao *what*, não seguido de substantivo. Essa é uma nova forma de apresentação que significaria uma mudança de paradigma para a gramática do português – pelo menos do PB – para estrangeiros: a forma canônica do pronome interrogativo de complemento direto e sujeito inanimados não mais seria *que*, mas sim *o que*. Quando trata da forma interrogativa clivada com *é que*, Perini vai mais longe:

Wh- questions are very frequently also marked in the spoken language by means of the element *é que*, placed immediately after the preposed element. Thus, the sentence

Que piano você prefere?  
‘Which piano do you prefer?’

sounds slightly stilted. The more natural way to ask a question in speaking is

Que piano é que você prefere?      **SpBr**  
‘id’

The use of *é que* is particularly frequent when the preposed element is only the interrogative word, so that a sentence like

Quem sua mãe vai chamar para a festa?

<sup>3</sup> Uma pesquisa preliminar com entrevistas em revistas destinadas a vários públicos, parece corroborar o fato de que a forma canônica *é o que* - pelo menos na escrita - e não mais *que* puro.

‘Whom is your mother going to invite to the party?’

is comparatively rare, and speakers will rather say

Quem é que sua mãe vai chamar para a festa? **SpBr**  
‘id.’

(Perini 2002 : 424)

Nota-se que Perini deu um passo além em relação à apresentação dos pronomes interrogativos no PB, afirmando mesmo que formas não clivadas seriam “empoladas” (*stilted* em inglês). Perini em nenhum momento fala de ênfase – termo usado pelas gramáticas normativas para se referir à forma *o que* e à forma clivada com *é que*.

A gramática de Mário Perini também é a única que menciona a forma clivada sem o verbo ser:

In informal speech the form of ser is often omitted, so that one hears sentences like:

Quem que ela mais odiava? **SpBr**  
‘Whom did she hate most?’

Para que que você fez esse barulho todo? **SpBr**  
‘What did you do all this noise for?’  
(Perini 2002 : 424)

Trata-se de uma inovação sem precedente, já que não se trata de uma gramática descritiva, científica, mas sim uma ‘reference grammar’ para aqueles que pretendem falar e escrever o português do Brasil:

(...) most grammars of Portuguese conceal many features of the language because they are not considered correct, that is, they are not present in the formal standard used in written texts. As a result, the foreign student gets a distorted view of the language and ends up speaking “like a book”.(...)

When referring to the spoken language I do not mean the substandard speech of uncultured persons or rural dialects, but the variety of Portuguese used by all educated Brazilians of all professions and regions.

(Perini 2002 : xxii)

Perini leva em consideração fatos de linguagem que estão mudando, mas não deixa de marcá-los de alguma forma, para que os aprendizes do PB saibam que tal forma

pertence à língua falada: a notação **SpBr** (spoken brazilian Portuguese). Perini tece ainda várias considerações acerca das formas clivadas com o verbo ser no pretérito perfeito (*Quem foi que veio?*, p.ex.), que não serão tratados nesta dissertação.

*Le Portugais de A à Z*, de M. Helena Araújo Carreira & M. Boudoy (1994): essa gramática editada na França apresenta uma abordagem totalmente distinta daquela observada nas gramáticas nos Estados Unidos. O ponto em comum entre todas elas é o fato de apresentarem os pronomes *que* e *o que* como variantes:

## 2 Que

**a/ Pronom:** se réfère à des **choses** (« que », « quoi », « qu'est-ce qui » (sujet), « qu'est-ce que » (complément d'objet). Il peut être précédé de *o*.  
(Araújo & Boudoy 1994 : 254)

No entanto, as duas autoras tratam longamente da forma anteposta de *o*, mencionado casos em que a anteposição seria obrigatória, outros nos quais seria gramaticalmente incorreta e outros ainda onde seria facultativa.

A anteposição seria obrigatória quando se tratasse de complemento de objeto direto ou predicativo do sujeito. Essa regra não fica totalmente clara, pois os exemplos apresentados são todos de perguntas-eco ou in-situ: “O vizinho diz o quê?”, “Serás o quê?”. As autoras apresentam *que* e *quê* como dois pronomes distintos, sendo o primeiro utilizado quando há movimento *qu-* e o segundo quando se trata de uma forma in-situ. Isso equivale a dizer que a forma in-situ, é sempre precedida de *o*.

A anteposição não seria permitida se *quê* fosse precedido de preposição: “Tens medo de quê?”, “Eles partiram a lenha com quê?”. Nesse caso, parece haver uma diferença entre a norma apresentada pelas autoras e a norma brasileira, pois ambos os exemplos acima parecem ser perfeitamente gramaticais também precedidos de *o*. Os casos facultativos seriam aqueles em que houve movimento *qu-*. Segundo Araújo & Boudoy, a forma precedida de *o* seria a preferida num discurso mais tenso, enquanto que a simples seria preferida na língua corrente:

### 3 Cas où **o est facultatif** (devant que – toujours – et devant quê interjectif)

a/ Quand que n'est pas précédé d'une préposition. Dans un langage soigné on emploie normalement o que. Dans la langue courante, voire familière, que seul est fréquent.

b/ Quand que est précédé d'une préposition. L'emploi de o est possible mais moins fréquent surtout avec les prépositions courantes como em, de, com.

c/ Quand quê interrogatif a le sens d'une interjection. La différence de niveau de langue est la même que pour (o) que sans préposition.

(Araújo & Boudoy 1994 : 195-196)

É interessante notar que essa gramática é a única a mencionar os casos de pronomes interrogativos ditos *in-situ*. Tal fato, porém, não é de causar estranheza, já que se trata de uma gramática destinada a um público de língua materna francesa, acostumado a esse tipo de construção interrogativa. O francês possui várias formas interrogativas, as quais são apresentadas aos aprendizes de francês desde as primeiras lições (exemplo a ser dado de manuais de francês). O que realmente estranha é o fato de não haver nenhuma indicação sobre o uso das formas, pois se costuma apresentar a forma *in-situ* em francês (*quoi*) como sendo coloquial ou familiar. De todas as regras acima citadas, não se podem depreender regras de uso para o português: *que* e *o que* parecem ser livremente intercambiáveis.

Partindo da expressão gramaticalizada *est-ce* que em francês, as autoras ensinam que *est-ce que* não acompanhado de pronome interrogativo não se traduz em português - diferentemente de Gärtner (1998 :631), o qual menciona exemplos de interrogativas no PB iniciadas por *é que*. Já quando acompanha um pronome ou advérbio interrogativo, dizem as autoras que “Lorsque « est-ce que » renforce un mot interrogatif il se traduit par *é que* (invariable) ou *ser ... que* (*ser* se met au même temps que le verbe suivant)”( Araújo & Boudoy 1994 : 175)

As interrogativas que contêm a expressão invariável *é que* seriam, então, estruturas reforçadas segundo as autoras – equivaleria isso a dizer que são estruturas enfáticas?. Discorrem ainda sobre a inversão do sujeito, afirmando que o uso de *é que*

condicionaria a não inversão do sujeito. Terminam dizendo que as formas com *é que* e *ser... que* seriam muito utilizadas na língua corrente.

### 2.3 Gramáticas descritivas do português

Celso Luft diz ser sua gramática uma gramática para “professores, alunos e curiosos em geral” (Luft 2001 : xv), não sendo, portanto, exatamente uma gramática científica destinada a um público especializado. No entanto, Luft se apóia em todos os aportes da lingüística moderna para dar um embasamento teórico sólido a sua descrição do português *brasileiro* - como o título da gramática já indica – utilizando para isso tanto teorias formalistas quanto funcionalistas.

No que se refere às interrogativas, Luft lista os pronomes e advérbios interrogativos, acrescentando logo de início que sua característica seria ser “reforçáveis por *é que*” (Luft 2001 : 121). Ao tratar dos pronomes interrogativos substantivos, diz serem eles *que* e *quanto*, mas chama a atenção para o fato de que “(...) para que pronome substantivo vai-se preferindo a forma reforçada *o que*” (Luft 2001 : 121). O fato de serem formas “reforçadas” significaria serem essas formas enfáticas? O mesmo termo foi utilizado pelas autoras da gramática editada na França, a qual foi analisada anteriormente.

*A Gramática de Usos do Português*, organizada por Maria Helena de Moura Neves, é uma gramática de base funcionalista. Essa gramática não tem um caráter normativo, ainda que forneça informações acerca da aceitabilidade ou não de determinadas formas citadas:

Embora uma gramática de usos não seja, em princípio, normativa, para maior utilidade ao consulente comum a norma de uso é invocada comparativamente, de modo a informar sobre as restrições que tradicionalmente se fazem a determinados usos atestados e vivos.

(Neves 2000 : 14)

O corpus usado tem base em textos escritos, mas o grande número de peças teatrais garante, segundo a autora, uma representatividade da linguagem oral. Não se encontra nessa gramática um capítulo dedicado à interrogação: a interrogação é tematizada em várias seções, como quando se fala por exemplo dos pronomes indefinidos. Surpreende a constatação de que uma gramática tão moderna afirme que:

Embora não abonada pela gramática normativa tradicional, é frequente a interrogação com **O QUE**:

“*O QUE* é, então? (A)

*O QUE* fora sua vida, afinal? (A)”

(Neves 2000 : 540).

Ao se estudar a bibliografia mencionada por Neves, constata-se que foram consultadas pela autora as mesmas gramáticas que também foram utilizadas para o presente trabalho. Não se pode, portanto, entender o motivo pelo qual Neves afirma que a “gramática normativa tradicional” não abonaria o uso de *o que*. As gramáticas normativas de Rocha Lima, Cunha e Cintra e Bechara em nenhum momento desabonam a forma *o que*, simplesmente a consideram – isso sim provavelmente uma descrição defasada – como uma forma enfática, i.e. não canônica da tradicional *que*.

A segunda informação relevante acerca das interrogativas em Neves (2000) é a lacônica afirmação:

A palavra interrogativa pode ser extraposta ou clivada (é que):

- Esse terrão é meu.

- **E quando é que** você vai se desfazer de tudo? (FP)

(Neves 2000 : 747)

Não é oferecida nenhuma explicação para esse fenômeno e não se mencionam quais seriam as implicações pragmáticas da clivagem. Seguindo a linha de raciocínio

encontrada na própria gramática (Neves 2000 : 331) segundo a qual a clivagem seria um dos mecanismos para realçar a informação, chega-se à conclusão de que a interrogativa clivada é uma forma enfática.

A *Gramática da Língua Portuguesa*, conhecida como sendo “a gramática de Mira Mateus”, é na verdade um trabalho conjunto de quatro professoras universitárias portuguesas. A edição consultada foi a 3<sup>a</sup>, de 1987. As autoras não pretendem, como é dito explicitamente no prefácio à obra, fazer uma gramática normativa. Seu objetivo é muito mais uma descrição do português atual, com vistas a seu uso por um público universitário e para professores, pessoas que já tenham uma formação científica em lingüística. Não se trata, no entanto, de uma gramática de base puramente gerativista, como fica claro no prefácio:

No entanto, ainda que se julgue indispensável a importância da procura de universais, da gramática, e ainda que a teoria generativa represente um progresso científico evidente, uma ruptura epistemológica nos estudos da linguagem, é necessário reconhecer que grande parte da produção do sentido fica por explicar. Ponha-se em relevo, sobretudo, a análise da utilização das frases gramaticais que só são interpretáveis se se considerarem os factores pragmáticos que determinam seu uso.

(Mateus et alii 1987 : prefácio)

Além disso, trata-se de uma gramática que tem por base muito mais a norma europeia do português do que a brasileira, ainda que seus primeiros capítulos sejam dedicados às variedades do português. No entanto, consideramos que se trata de uma obra relevante para o presente estudo. As divergências em relação ao PB serão ressaltadas.

As autoras tratam minuciosamente da interrogação, o que não se dá, como foi visto no decorrer desta dissertação, em muitas das gramáticas, principalmente normativas do português. Dividem as autoras as interrogativas em globais, parciais e interrogativas “tag”. Nas interrogativas parciais, com elemento qu-, incluem também as interrogativas de “eco”. A definição que é dada das interrogativas é de cunho funcionalista: “As frases interrogativas são a expressão de um tipo de acto ilocutório

directivo, através do qual o LOC pede ao ALOC que lhe forneça uma informação de que não dispõe” (Mateus et alii 1987 : 237).

Ao apresentarem as interrogativas parciais, e mais especificamente o pronome interrogativo *que*, afirmam que “Nas interrogativas independentes (...) *que* e o *que* parecem equivalentes. Mas ao nível das construções complexas parecem ter propriedades diferentes” (Mateus 1987 : 240, nota de rodapé). A obrigatoriedade da inversão do sujeito em algumas construções, onde o PB já a perdeu, diferencia as duas variantes do Português.<sup>4</sup> Tal fato fica claro quando etiquetam de agramaticais no PE perguntas como: “(O) que tu estiveste a fazer?” ou “Onde a Maria trabalha?”, perfeitamente aceitáveis e gramaticais no PB.

No caso das perguntas clivadas, a regra da inversão parece perder sua força, já que são aceitáveis estruturas com e sem inversão do sujeito no PE. Mais relevante para o presente estudo, é, entretanto, a afirmação acerca da clivagem em si: “O uso de *é que* é, aliás, cada vez mais freqüente na construção de interrogativas parciais, sem que isso signifique uma ênfase particular sobre o morfema interrogativo” (Mateus et alii 1987 :243).

Tal afirmação é, de certa forma, relativizada mais adiante, quando, ao falarem sobre interrogativas parciais múltiplas, com dois ou três morfemas *qu-*, dizem:

Em Português, há um processo que permite dar ao primeiro morfema Q um escopo dominante: a utilização de *é que*. Veja-se:

(28) (a') Quem *é que* disparou contra quem?

(b') Quem *é que* disse o quê a quem?

(Mateus et alii 1987 : 245)

---

<sup>4</sup> Para mais detalhes sobre a perda da inversão do sujeito no PB, ver RIBEIRO, I. "Sobre a perda da inversão do sujeito no português brasileiro". In: MATTOS e SILVA. (org.) *Para a história do português brasileiro*, Vol. II. São Paulo: Humanitas / Fapesp, 2001, p. 91-126.

Isso significaria dizer que a estrutura *é que* estaria, nas orações interrogativas parciais simples, em processo de gramaticalização, perdendo seu caráter focalizador, de realce ou ênfase, enquanto manteria sua característica de focalizador no caso de interrogações com mais de um elemento qu-.

As autoras tratam sob a mesma denominação “de eco”, as interrogativas *in-situ* e as efetivamente consideradas normalmente na literatura “de eco”. No nosso entender, trata-se de duas estruturas diferentes, identificáveis pela entoação claramente distinta, pois, como as próprias autoras dizem, os objetivos pragmáticos das duas são igualmente distintos: as orações com pronomes interrogativos *in-situ* são uma variante das interrogativas com movimento qu-, já as “de eco” demonstram incredulidade ou pedido de confirmação da informação. Além disso, sabe-se que as interrogativas “de eco” podem ocorrer em línguas que não permitem pronomes interrogativos *in-situ*, como o inglês ou o alemão.

Ainda ao falar das interrogativas “de eco”, as autoras dizem que, caso *o que* não seja movido para a posição inicial, apresenta-se sob a forma “tônica” *o quê*, marcada na escrita pelo circunflexo. É interessante e ao mesmo tempo não muito elucidativo o fato de o adjetivo “tônica” estar no original entre aspas. Significaria tal fato que não se trata realmente de uma forma tônica? Os exemplos fornecidos pelas autoras não esclarecem totalmente a questão.

## 2.4 Livros didáticos de Português como língua estrangeira

*Português para estrangeiros*, de Mercedes Marchant, foi editado pela primeira vez em 1954, é um dos clássicos do ensino de português para estrangeiros. A edição consultada para o presente estudo foi a 25<sup>a</sup>, de 1988. O intuito da inclusão desse manual na pesquisa é de observar de que forma uma obra tida como conservadora trata a questão das interrogativas no PB. A hipótese mais óbvia seria que fosse apresentada apenas a forma *que*, seguindo a orientação da gramática normativa. Na prática, essa premissa se mostrou incorreta.

A interrogação não é, em nenhum momento, explicitamente tematizada por Marchant, mas, ao ser apresentada a primeira pergunta com o pronome interrogativo *que*, apresenta-se a forma denominada enfática pela gramática tradicional: *o que*, com a ressalva, em nota de pé de página (Marchant 1988 : 48):

- O que<sup>11</sup> é Território?

---

1- O que – que : qual coisa?

Tal explicação eleva de fato a forma dita enfática à condição de forma equivalente, se não canônica, do pronome *que*. Em todo o livro, foram encontradas 30 perguntas com o pronome *que* substantivo, i.e. não acompanhado de substantivo. Dessas 31 formas, 15 apresentavam a estrutura *o que*, 14 das quais com verbos ditos inacusativos, em perguntas do tipo: “o que há, o que está”. 13 formas apresentavam a estrutura *o que é que*, nenhuma com verbos inacusativos. Apenas 3 formas apresentavam a estrutura *que*, mas duas seguidas de *mais*, como: “Que mais pede ele à balconista?” (Marchant 1988 : 174) e apenas uma seguindo o modelo canônico: “Que queres tomar?” (Marchant 1988 : 155).

Mercedes Marchant incluiu em seu livro também um apêndice com o nome “Diálogos elaborados no linguajar do jovem brasileiro”, o qual serviria de contraponto mais coloquial aos textos dos diálogos apresentados nas lições, que seriam mais formais. Nos diálogos supostamente mais coloquiais, aparecem, infelizmente, poucos exemplos de perguntas com *que*, mas as duas formas encontradas são clivadas: “O que é que aconteceu?” (Marchant 1988: 250) e “Que é que você quer?” (Marchant 1988 : 262). Além disso, a forma “Que mais?”, sem verbo.

Interessante é o fato de que tanto nesses diálogos, quanto nos dos diálogos das lições, abundam as formas clivadas também com os outros interrogativos. À medida que as lições passam, formas como *onde é que*, *por que é que* aparecem sem serem explicadas. No apêndice acima mencionado, há três formas *onde é que* contra apenas

uma *onde*; os únicos exemplos com *por que* e *como* também são estruturas clivadas. De um modo geral, pode-se afirmar que Mercedes Marchant já havia se distanciado bastante da gramática normativa, provavelmente pensando no público-alvo, que teria que aprender formas diferentes das preconizadas pela norma escrita brasileira.

*Avenida Brasil*, livro didático, desenvolvido em São Paulo por uma equipe de profissionais da área de ensino de línguas estrangeiras, foi lançado em 1991, tendo sido reeditado várias vezes, o que demonstra o seu sucesso de vendas<sup>5</sup>.

A versão consultada foi a de 2004, não apresentando, porém mudanças relevantes no período entre seu lançamento e essa edição.

Diferentemente do livro de Mercedes Marchant, *Avenida Brasil* é, em princípio, um manual concebido nos moldes da abordagem comunicativa, como afirmam os autores em seu prefácio:

(...) para poderem comunicar-se com os brasileiros e participar de sua vida cotidiana. O método utilizado é essencialmente comunicativo, mas, em determinado passo da lição, as aquisições gramaticais são organizadas e explicitadas. (...) Sem dúvida, o objetivo maior de *Avenida Brasil* é levar o aluno a compreender e falar. Através do livro de exercícios, no entanto, sua competência escrita também é desenvolvida.

No que se refere à interrogação, tal afirmação parece não se confirmar inteiramente. Em todo o livro, só se encontram perguntas do tipo *o que*, não ocorrendo nenhuma vez uma pergunta clivada. Seria de se esperar que nas perguntas dos enunciados fossem utilizadas as formas reconhecidas pela gramática tradicional, mas que nos diálogos aparecessem formas clivadas. É bem verdade que tampouco é utilizada a forma *que*, considerada pela gramática tradicional como sendo a forma canônica, como já foi visto.

De fato, ao apresentarem num apêndice gramatical os pronomes e advérbios interrogativos, os autores sequer mencionam a forma pura *que*, sendo tal inovação um

---

<sup>5</sup> Trata-se do livro didático mais utilizado, p.ex na Alemanha, onde o autor da presente dissertação trabalhou durante muitos anos com o ensino de português.

passo adiante na apresentação da interrogação nos manuais de português como língua estrangeira. Ao que parece, a equipe que elaborou o método Avenida Brasil optou por uma apresentação neutra, escolhendo a forma digamos “neo-canônica”, a qual parece ser a mais neutra e básica. No nosso entender, seria necessário também que se apresentassem as outras formas, ao menos como nota de rodapé.

*Bem-vindo*, manual, elaborado por uma equipe de três professoras, foi lançado em 1992 em São Paulo e é segundo as autoras em sua apresentação “(...) um livro feito “ao vivo e a cores” para você que quer aprender o nosso português falado como ele é, sem deixar de lado as necessárias referências à Gramática Normativa”. A questão da interrogação é tematizada já na primeira lição, quando se aborda a entoação afirmativa, negativa e interrogativa – somente a interrogação total sim/não. A forma interrogativa quase exclusiva em *Bem-vindo* é a forma *o que*, tanto nos enunciados quanto nos diálogos. O único exemplo de interrogação não-canônica é uma pergunta com pronome interrogativo *in-situ* e que não é uma pergunta-eco: “Você estudou o quê?” (p.35).

Na lição 3, relativamente cedo, são mencionadas as perguntas clivadas, tanto as com a expressão gramaticalizada *é que*, quanto a forma em que o verbo *ser* concorda em tempo com o verbo da interrogativa: “Por que é que você não foi?” e “Quem foi que comeu o bolo?” , “Onde é que você foi ontem ?” (pág. 25). Não se dá nenhum exemplo de estrutura clivada com o pronome interrogativo (*o*) *que*, mas depreende-se que tal estrutura poderia ser também aplicável aos outros elementos interrogativos. Mais adiante no livro, é apresentada uma lista de “alguns problemas da língua culta” (pág. 152), a qual é encabeçada pelas perguntas: “Que você pretende?”e “Afinal, você vai fazer o quê?” Tal apresentação lacônica leva o aprendiz a crer que uma das formas é incorreta, mas como até esse momento a forma *que* pura nunca foi apresentada, faz-se necessária uma explicação mais detalhada por parte do professor,

o qual terá que esclarecer que se trata, respectivamente, de uma forma eminentemente escrita, literária em nossos dias, e outra coloquial e familiar.<sup>6</sup>

## 2.5 A interrogação no PB em textos teóricos

Said Ali foi um dos primeiros a tratar de questões da Língua Portuguesa de uma maneira semelhante ao que hoje se denomina funcionalista. Tinha ele um interesse pelo estudo histórico-comparativo que vinha de sua formação lingüística adquirida ainda no século XIX, quando esse tipo de estudos eram hegemônicos. Seus trabalhos iam, porém, além da simples reconstrução ou comparação de formas do português de sua época com outras fases de nosso idioma ou do latim.

Como os funcionalistas atuais, buscava ele descrever o câmbio lingüístico de uma perspectiva mais apurada, procurando entender os mecanismos que levaram os falantes a escolher uma determinada forma. Como no caso do pronome interrogativo *o que*, demonstrou ter esta forma surgido por necessidade de suprir uma deficiência no sistema das orações interrogativas indiretas, tendo logo se generalizado para pôr em relevo a interrogação direta (Said Ali 1950a : 11-28), num processo de gramaticalização que parece ter avançado desde então. Cita ainda vários exemplos de perguntas com o pronome interrogativo *in-situ*, pois, segundo ele, o acento oracional dominante deve estar no final da frase, havendo portanto a necessidade de se utilizar a forma reforçada *o que* em frases do tipo: “Dizemos: vais escrever o quê? E não: vais escrever que?” (Said Ali 1950 : 26).

Trata da questão do pronome interrogativo *que* tanto nas *Dificuldades da Língua Portuguesa* quanto na *Gramática Histórica*, aprofundando sua análise mais na primeira obra, na qual rebate a afirmação de Cândido de Figueiredo de que a forma

---

<sup>6</sup> *Bem-vindo*, ainda que proponha a ensinar a língua falada “como ela é”, é extremamente preocupado com a norma tradicional, e classifica como errada a forma “Elas viram ela na cidade”, dizendo serem corretas unicamente “Elas viram-na na cidade” e “Elas a viram na cidade”. A nosso ver, seria necessária uma explicação mais condizente com a realidade lingüística do Brasil, que apresentasse a primeira forma como familiar e coloquial, mas não como “errada”.

precedida de *o* não seria aceitável, por não se encontrar em autores clássicos. Quando Cândido de Figueiredo encontrava exemplos em autores mais modernos, considerava que esse períodos “não estavam escritos em português.” Said Ali contesta tal afirmação com exemplos colhidos por ele mesmo e por Heráclito Graça em Garrett, Castilho e Herculano, os quais seriam tão “sãos e escorreitos” quanto os citados por Cândido de Figueiredo. Ao parecer, Cândido de Figueiredo não se deu por vencido e afirmou:

a língua não pode ter uma *syntaxe* no século XIX e outra no século XVI: o que era erro ha tres seculos , era erro fatalmente no século XIX, e erro será enquanto houver língua portugueza.

(apud Said Ali 1950 :29)

Uma visão extremamente conservadora e contra tudo o que já naquela época deveria saber-se acerca de mudança lingüística. Said Ali reage a tal afirmação dizendo:

De maneira que a *syntaxe* portuguesa, diversamente da de outras línguas, convertida em esfinge no século XVI, imóvel e hirta, nunca mais pôde criar um único fato novo, não sofreu, de então para cá, nem a mais leve mudança de um só fenômeno, nem a perda mais insignificante?

(Said Ali 1950 : 29)

Said Ali afirma que a construção interrogativa *o que* seria um fato relativamente recente na língua, já que não encontrara exemplos em autores mais antigos<sup>7</sup>, mas que seria perfeitamente usual já na sua época, no início do século XX – visão sincrônica – tanto na língua familiar quanto na literária. Para ele, aquela mudança lingüística já havia se consolidado o bastante para ser aceita. O seguinte parágrafo demonstra bem a posição de Said Ali com relação à mudança lingüística:

Ignora-se a data ou momento exato do aparecimento de qualquer alteração lingüística. Neste ponto nunca será a linguagem escrita, dada a sua tendência conservadora, espelho fiel do que se passa na linguagem falada. Surge a inovação, formulada acaso por um ou poucos indivíduos; se tem a dita de agradar, não tarda a generalizar-se o seu uso no

<sup>7</sup> Cf. (Said Ali 1950 : 31) „Remontando a outros períodos da língua, notamos então que essa prodigalidade vai diminuindo pouco a pouco até faltarem, por fim, os vestígios de o que em interrogações diretas.”

falar do povo. A gente culta e de fina casta repele-a, a princípio, mas com o tempo sucumbe ao contágio. Imita o vulgo, se não escrevendo com meditação, em todo o caso no trato familiar e falando espontaneamente. Decorrem muitos anos, até que por fim a linguagem literária, não vendo razão para enjeitar o que todo o mundo diz, se decide também a aceitar a mudança. Tal é, a meu ver, a explicação não somente de fatos isolados, mas ainda do aparecimento de todo o português moderno.

(Said Ali 1950b : 50)

O autor vê a fase da língua portuguesa na qual viveu sincrônica e diacronicamente, e sabe que o estado que conhece é resultado das mudanças ocorridas anteriormente. Analisa a trajetória de *o que* originariamente como forma enfática, a qual, por sua vez, se originara de uma necessidade de distinção nas orações indiretas, já que antigamente frases como *Dize que comes* eram ambíguas, tendo sido substituída por *Dize o que comes*. Tal análise nada mais é do que um clássico trabalho de gramaticalização: uma forma que era utilizada com uma função acaba se especializando nela e se gramaticalizando.

Na época em que Said Ali escreveu essas explicações, parece que o pronome interrogativo *o que* ainda não se havia gramaticalizado totalmente, por isso a polêmica com Cândido de Figueiredo, que ainda considerava essa forma estranha à língua portuguesa, devendo portanto ser banida da escrita. Hoje, a forma *o que* é de fato pelo menos aceita como *uma* das formas canônicas, tendo suplantado a forma simples *que* na linguagem oral e na escrita, ainda que algumas gramáticas todavia considerem a forma *o que* enfática ou como “não abonada pela gramática normativa tradicional”<sup>8</sup>, como já foi visto neste trabalho.

Ao consultarmos tanto a *Gramática Elementar* quanto a *Gramática Secundária* de Said Ali, constatamos que ele lista o pronome interrogativo *o que* como uma forma possível do pronome *que*, sem entrar em detalhes sobre sua função enfática. Parece essa ser uma decisão bastante coerente com sua postura de não sobrecarregar o material didático, só se referindo a questões mais profundas e complexas em obras para um público mais interessado e preparado para entender questionamentos mais

---

<sup>8</sup> Cf. (Neves 1999a : 540) “Embora não abonada pela gramática normativa tradicional, freqüente a interrogação com **O QUE**.”

elevados. Por esse motivo, só levanta a questão da gramaticalização do *o que* nas *Dificuldades* e na *Gramática Histórica*.

Embora Said Ali discorra longamente sobre o papel importante da entoação para logo tratar da função enfática e focalizadora da expressão é que (Said Ali 1950 a : 1-16), não menciona explicitamente a sua utilização nas interrogativas clivadas. Há um único exemplo de interrogativa clivada em uma citação por ele utilizada para abonar, na verdade, a forma *o que*, cuja legitimidade queria provar: “*O que é o que eu vejo? Estes gritos, que são? (Cast. Metam. 154)*” (apud Said Ali 1950 a : 17). Mesmo assim, põe bastante ênfase na explicação para o aparecimento da forma *o que* no fato de terem os pronomes interrogativos do português se tornado átonos:

O pronome que, significando que coisa, teria intonação forte antigamente: não carecia de esteio algum. Mas não se conservou sempre assim; a sua tonalidade enfraqueceu-se em parte e a perda teve de ser compensada pela anteposição de um elemento reforçativo, de uma palavra atona, ao lado da qual se destacasse a sua pronúncia, quando assim o exigia a ênfase e a clareza.

(Said Ali 1950 a : 18)

Pode-se afirmar, então, que já no início do século XX, a forma *o que* era corrente no PB, segundo o testemunho abalizado de Said Ali, que a forma *in-situ* também era conhecida – ainda que pelos exemplos não se possa depreender se se tratavam de perguntas “de eco” ou de verdadeiras *in-situ*. Sobre a forma interrogativa clivada, não nos fornece o mestre Said Ali subsídios suficientes para levantar hipóteses.

Em seu artigo “Estudo diacrônico sobre as interrogativas do Português do Brasil”, publicado no clássico volume editado por Mary Kato e Ian Roberts em homenagem a Fernando Tarallo, Lopes Rossi tem por objetivo tratar na verdade da questão - já mencionada anteriormente no presente trabalho – da perda da inversão do sujeito no PB nas orações interrogativas.

Partindo de um corpus de textos de peças de teatro (do período clássico até o século XX) e de programas de televisão e de conversas espontâneas coletadas para o

português moderno do século XX, Lopes Rossi analisou o desenvolvimento da perda ou não da inversão do sujeito. Seus dados, porém, podem ser úteis para esta pesquisa, na medida em que também tratam da posição do elemento *qu-* e de sua clivagem ou não. Nos dados do período compreendido até o século XVII, não há nenhum exemplo de clivagem ou de interrogação *in-situ*. Exemplos de clivagem só aparecem no século XVIII, com uma taxa de ocorrência de 2%.

Interessante é notar que a clivagem tinha a forma *que é o que*, e que todos os exemplos dados por Lopes Rossi apresentam o pronome interrogativo como sendo *que*, e não *o que*. O fato de ter a forma clivada baixa porcentagem, leva a autora a crer que se tratava de uma forma enfática, como o era a forma *(qu')est-ce que* no francês medieval (Lopes Rossi 1993 : 316). Também é interessante notar que as clivadas só ocorriam nesse momento com o pronome *que*, pois havia uma restrição à formação de clivadas com outros elementos que não fossem sujeito ou objeto.

Nos dados a partir do século XIX, já se pode notar uma mudança paramétrica: a perda do movimento do verbo nas interrogativas com movimento de *qu-*. Já na segunda metade do século XX, pode-se observar que o movimento *qu-* não é mais obrigatório<sup>9</sup>. Os dados de Lopes Rossi comprovam ainda um aumento nas interrogativas clivadas, o surgimento da forma *Qu que NP V*, que a autora supõe ser uma forma mais informal de *Que é que NP V* e uma grande porcentagem de interrogativas com *qu-* não movido.

Como Lopes Rossi distingue dados de peças de teatro e de língua falada para o português brasileiro atual, constata-se que as clivadas perfazem respectivamente 37,5% e 36% das ocorrências. Somente na língua falada se encontram exemplos de interrogativas clivadas sem a cópula: a metade dos 36%. Além disso, as interrogações com *qu- in-situ* alcançam 8% nos textos de peças de teatro e 31% na linguagem

---

<sup>9</sup> Os exemplos que Said Ali aduziu poderiam demonstrar que a perda do movimento *qu-* já havia sido iniciada anteriormente, mas a data dos mesmo teria que ser confirmada, bem como uma análise que possibilitasse distinguir perguntas-eco de interrogativas sem movimento *qu-*.

falada. Todos esses números levam à conclusão que a linguagem oral apresenta modernamente 67% de formas interrogativas não-canônicas.

Se levarmos em consideração que nos dados de Lopes Rossi estão incluídos todos os interrogativos: pronomes e advérbios, pode-se supor que a taxa de formas não-canônicas do pronome interrogativo *que* seja ainda mais elevada, já que esse pronome foi o que primeiro apresentou a forma clivada. Segundo Lopes Rossi, o aparecimento do pronome interrogativo não-clítico, i.e. tônico *o que*, foi o responsável não só pela perda da inversão, como também pelo surgimento da forma *in-situ*, tônica por natureza.

Para a autora, o PB não teria perdido o pronome interrogativo átono *que*, mas o teria restringido às formas *Que N NP V* e *Que é que NP V*, onde estaria cliticizado. (Lopes Rossi 1993 : 330-331). A forma clivada, inicialmente apenas restrita à pergunta com o pronome interrogativo *que*, teria se disseminado para todos os operadores *qu-*. (Lopes Rossi 1993 : 332)

Mary Kato tem publicado vários artigos sobre a questão das interrogativas em português, inseridos em sua linha gerativista, na qual inclui orações relativas e clivadas, no que comumente se denomina construções-*q*. Em seu artigo escrito com outras 4 estudiosas do assunto para o projeto Gramática do Português Falado<sup>10</sup>, Kato (1996) apresenta as interrogativas do PB como sendo:

- a. de movimento *qu-*
- b. clivadas com e sem cópula
- c. *in-situ*<sup>11</sup>

<sup>10</sup> Kato, Braga, Corrêa, Rossi & Sikanski (1996) As construções-Q no Português Brasileiro Falado: Perguntas, Clivadas e Relativas. In: KOCH, I. G. V. (org.) *Gramática do Português Falado Vol. VI. Desenvolvimentos*. Campinas: Ed. da Unicamp.

<sup>11</sup> Lessa de Oliveira (2003) menciona um tipo de clivada adicional atestado no dialeto baiano, com a estrutura *é Que que*.

Discorre sobre vários artigos que tratam da interrogação em português, mas todos com o objetivo de tentar explicar a perda da inversão do sujeito. Por isso, descartou de seus dados do projeto NURC todas ocorrências de interrogativas com pronome *in-situ*, as quais perfaziam um total de 16 em 200, ou seja, 8%, já que, nesse tipo de construção, a ordem dos elementos da frase permanece inalterada. Kato atenta porém para o fato de que as interrogativas *in-situ* seriam uma característica do PB que já responderiam por um total de 10% das ocorrências, o que apontaria para uma mudança na estruturação desse tipo de sentença. (Kato 1998 : 348-349)

A autora, como Duarte (1992) e Rossi (1993), também vê uma relação entre o surgimento do expletivo *é que* na segunda metade do século XIX e a perda da inversão. Infelizmente, seus dados estatísticos não representam nenhum avanço para a presente pesquisa. Em outro artigo, Kato (Kato & Mito, 2005) cita os vários tipos de interrogativas no PB, comparando-as com as do PE, mas sempre com o intuito de explicar a perda da inversão do sujeito no PB. Partindo de um corpus de textos escritos composto por peças teatrais e artigos de jornais, Kato diz que o PB e o PE têm em comum:

- interrogativas com movimento qu-
- interrogativas clivadas com *é que*
- interrogativas *in-situ* (ainda que muito mais produtivas no PB)

A forma clivada sem o verbo *ser* não é atestada no PE segundo os dados de Kato. A conclusão à qual chega Kato em seu artigo é que:

The triggering element for the loss of VS in BP is proposed to be the wh-complementizer *que*, which is assumed to be the result of the grammaticalization of *é que*. The empirical facts suggest that EP may be starting the same process of change.

(Kato & Mito 2005 : 80)

Tal conclusão não acrescenta muito ao presente estudo, mas corrobora a hipótese segundo a qual a forma clivada se encontra provavelmente em um processo de expansão ou de consolidação como forma canônica na linguagem falada.

Ainda que não tenha tratado a fundo do tema interrogação, Mattoso Câmara constata em sua clássica *História e Estrutura da Língua Portuguesa* que:

No português moderno, entretanto, quer em Portugal, quer no Brasil, há para o emprego substantivo de *que* uma variante *o que* (na realidade um vocábulo indivisível /uke/, considerado muitas vezes “pouco correto” dentro da língua literária, vivo e bem radicado na língua comum.

(Mattoso Câmara 1979 - 112)

Acrescentando ainda como nota de rodapé a essa exposição:

Dentro da gramática normativa da língua literária, Said Ali foi talvez o único a dar preferência à interrogativa *o que*, baseando-se na estética fônica (maior relevo assim obtido pela partícula) (Ali 1930, 26)

(Mattoso Câmara 1979 – 112 – nota de rodapé)

Mattoso Câmara corrobora então as observações feitas por Said Ali quanto à forma do interrogativo precedido de *o*, colocando-o como uma variante e sem mencionar um suposto valor enfático. Tampouco menciona formas clivadas ou *in-situ*. Como Mattoso Câmara viveu na segunda metade do século XX, seguindo o exposto por Lopes Rossi (1993), ele provavelmente conheceria tais formas, mas elas provavelmente ainda não haviam atingido a frequência que é observada hoje no português falado.

## 2.6 Estudos sobre a interrogação em francês

Dentro do quadro das línguas neolatinas, o francês apresenta um desenvolvimento em muitos pontos paralelo ao do PB no que diz respeito à interrogação. O francês atual apresenta três tipos básicos de interrogativas qu:

- com qu deslocado: Que faites-vous?
- com qu in-situ: Vous faites quoi?
- com est-ce que : Qu'est-ce que vous faites ?

A forma aparentemente clivada, representa, na verdade, a forma mais neutra na linguagem moderna, tendo perdido sua função enfática. A forma *qu'est-ce que* surgiu já no francês antigo (de 1100 a 1350), como nos ensina Magali Rouquier (2002), sendo ainda nessa fase da evolução da língua de caráter facultativo e realmente com valor enfático. Essa forma teria iniciado seu processo de gramaticalização já no chamado francês médio (*français moyen*, de 1350 a 1500) até se tornar um dos mecanismos da interrogação em francês:

Cet article propose une description diachronique du marqueur de l'interrogation est-ce que. Ce marqueur de l'interrogation est propre du français. Les autres langues romanes n'utilisent pas d'équivalent de marque spécifique de ce type.

(Rouquier 2002 : 97)

Rouquier (2002) lembra, porém, em uma nota de rodapé a essa introdução, que o português também possui uma forma paralela à estrutura francesa: *o que é que*. Uma diferença importante para com o português é o fato de que *est-ce que* se gramaticalizou em francês também nas interrogações totais, o que não ocorreu no PB. Perguntas do tipo *Est-ce que vous venez?* Não pode ser traduzida em português com *é que*: *\*É que vocês vêm?* é agramatical no PB.

Essa forma com *est-ce que* teria se disseminado em francês já no século XVI em francês. Rouquier (2002) afirma que esse fenômeno teria permitido a reestruturação dos componentes nas orações interrogativas em francês, para se obter uma estrutura SVO similar àquela já estabelecida para as frases não-interrogativas. Essa correlação entre mudança da ordem das frases interrogativas, especialmente sua clivagem e perda da inversão do sujeito também foi atestada no PB<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Cf. Kato & Miotto (2000)

Benjamin Massot em sua Mémoire de DEA de Sciences du Langage, apresentada à Universidade de Paris 8 Vincennes, Saint Denis, em 2003, intitulada « *Éléments linguistiques pour une vision diglossique du français contemporain* », defende a tese segundo a qual haveria, como o título de seu trabalho diz, uma divisão diglósica no francês europeu: o francês falado por algumas camadas da população diferiria em muitos aspectos radicalmente do *bon usage* aprendido nas escolas.

Um dos pontos que o autor estuda é justamente a interrogação, que, como já foi dito no presente trabalho, apresenta várias formas também em francês. Seu questionamento é se as várias formas da interrogação seriam determinadas por motivos pragmáticos ou por contextos sociolinguísticos específicos. Citando Coveney (1996), afirma que a resposta é que ambos os fatores são relevantes.

No que diz respeito à forma canônica com inversão do sujeito e movimento *qu-*, teria sido constatado que essa variante não faria parte da gramática do francês coloquial, ainda que as gramáticas normativas reconheçam nessa forma a “verdadeira” forma interrogativa. Os poucos exemplos colhidos teriam sido casos de expressões do tipo “*Comment allez-vous? e Comment dirais-je?*”, sendo a segunda lexicalizada e a primeira uma fórmula que apresenta características de lexicalização. As formas com *est-ce que* e as *in-situ* seriam as mais utilizadas e teriam ainda funções pragmaticamente distintas. As diferenças pragmáticas entre as duas formas deixam claro segundo o autor que:

On peut conclure provisoirement que les interrogatives permettent à la fois d’opposer le FD et le FC et montrer que deux variantes syntaxiques, sémantiquement équivalentes, peuvent très bien cohabiter dans une grammaire tant qu’elles ne représentent pas des doublons du point de vue pragmatique et discursif.

(Massot 2003 : 49-50)

O que Massot (2003) denomina de FD é o francês popular (*français demotique*) e FC francês normativo (*français classique*). Um dos objetivos do presente trabalho seria tentar demonstrar se no PB ocorre a mesma coisa, i.e. se as várias formas atestadas pelos estudiosos para a interrogação em português têm apenas uma repartição do tipo

“língua escrita/língua falada”, ou se há realmente diferenças pragmáticas entre elas, por exemplo, se a forma clivada já alcançou realmente o grau de gramaticalização atingido pela forma *est-ce* que em francês, tendo portanto perdido totalmente seu valor de focalização e ênfase originais.

A forma *que que*, clivada sem cópula, a qual não é mencionada por nenhuma gramática normativa do português brasileiro, mas somente por trabalhos de cunho mais científico e descritivo, como já foi visto na presente investigação, parece ter formas equivalentes no francês europeu, conforme atesta Rugero Druetta (2002), as quais seriam formas foneticamente reduzidas da forma *est-ce que*, do tipo: *Qu'est-ce tu veux?* por *qu'est-ce que tu veux?* ou *Combien que ça fait?* por *combien est-ce que ça fait?*. Tais formas seriam desprezadas pela gramática normativa do francês.

Corroborando de certo modo uma hipótese inicial do presente trabalho, segundo a qual o pronome *que* funcionaria de forma distinta dos outros pronomes e advérbios interrogativos, Druetta atesta para o francês um percentual de mais de 90% nas ocorrências com *est-ce que* com o pronome interrogativo *que*, e apenas 3% para *où* e 1,5% para *quand*. Druetta conclui que tal fato se deve ao caráter de clítico do pronome interrogativo *que*, sendo desprovido de acento próprio, e seu pouco relevo fonético. Para esse fato já atentara, em relação ao português Said Ali, em seu estudo efetuado na primeira metade do século XX citado no capítulo 7 da presente dissertação.

## 2.7 Material Didático para Francês como Língua Estrangeira

Tendo o francês uma maior tradição como língua estrangeira do que o português brasileiro, seria de se esperar que o material didático para essa língua refletisse mais os avanços alcançados pelos estudos lingüísticos. De fato, ainda que a gramática normativa do francês continue a apresentar a forma com elemento *qu-* deslocado e inversão do sujeito como sendo a forma canônica e, em decorrência, a mais “correta”, também apresenta as demais formas já vistas no presente estudo:

(...) les pronoms interrogatifs sont, souvent dans la langue parlée et parfois dans langue écrite, suivis de *est-ce qui* (si le pronom est sujet), *est-ce que* (si le pronom a une autre fonction, y compris celle de sujet réel).

(Grevisse 1988 : 1107)

Les mots interrogatifs sont en tête de la phrase, soit dans l'interrogation de type soigné (...) : QUAND pars-tu ? – soit quand ils sont accompagnés de l'introducteur *est-ce que* ou de ses variantes (...) : QUAND *est-ce que* tu pars ? – soit dans le tour généralement tenu pour relâché (...) : QUAND tu pars ?

Cependant, le mot interrogatif est à la place qu'occuperait dans une phrase énonciative l'élément dont il joue le rôle : 1° dans l'interrogation de type familier (...) : Tu pars QUAND ?

(Grevisse 1988 : 634)

A descrição feita é de cunho sociolinguístico, na medida em que descreve todas as formas atestadas – exceto a equivalente à forma *que que* do português brasileiro – mas as categoriza segundo critérios do tipo: *soigné* (cuidado), *familier* (familiar) e *relâché* (coloquial). Somente a forma com *est-ce que* não recebe menção especial neste capítulo, sendo, porém, mais tarde, descrita como pertencendo à *langue courante*. Segundo os autores, ainda que as formas clivadas sejam consideradas por alguns pesadas e pouco elegantes, já eram usadas pelos clássicos e a Académie Française as cita sem nenhum tipo de ressalva, o que equivaleria a dizer que seriam canônicas e bem formadas. A estrutura clivada com *est-ce que* seria especialmente frequente com *que* (*qu'est-ce que*): “Il faut reconnaître que *est-ce que* (*qui*) est particulièrement fréquent après les pronoms *qui* et surtout *que*, assez fréquent après où, quand ; il est plus rare dans la langue soignée après *comment* et *pourquoi*. ” (Grevisse 1988 : 651).

Maïa Grégoire apresenta em sua *Grammaire progressive du français. Niveau Débutant* as interrogativas sobre sujeito ou objeto inanimados do francês como sendo :

Que, quoi, qu'est-ce que remplaçant une chose :

Formel

Courant

Familier

Que cherchez-vous ?

Qu'est ce que vous cherchez ?

Vous cherchez quoi ?

(Grégoire 1998 : 130)

A divisão feita pela autora é de ordem sociolingüística, e não pragmática, contrariamente ao que atestou Massot (2003), que afirma haver também um componente pragmático na escolha das formas, pelo menos entre o que a autora denomina *courant* e *familier*. É interessante notar que na gramática dedicada a um nível mais avançado (*intermédiaire*), a autora só apresenta duas possibilidades para a interrogação:

Qui interrogatif porte sur une personne et que sur une chose :

- Qui cherchez-vous ?                      - Qui est-ce que vous cherchez ?
- Que cherchez-vous ?                      - Qu'est-ce que vous cherchez ?

(Grégoire & Thevenez 1999 : 140)

O livro didático adotado pela Aliança Francesa do Rio de Janeiro e por várias instituições em outros países, como no caso da Alemanha, é o manual *Forum*, editado na Espanha por uma equipe de professores catalães. Já nas duas primeiras lições aparecem estruturas interrogativas que partem dos princípios que foram constatados por Massot (2003):

- na língua falada, há um grande número de estruturas *in-situ*:

Ça s'écrit comment ? (p16) ;

Vous vous appelez comment ? Tu t'appelles comment ? (p 33)

Le train part d'où ?; Vous partez quel jour ? (p.44)

- as estruturas clivadas são predominantes:

Qu'est-ce que tu racontes ? (p.43) ; Où est-ce que vous allez ? (p. 43)

Quand est-ce que vous êtes libre ? (p. 69)

- estruturas com inversão do sujeito, seguindo o modelo canônico tradicional só ocorrem em expressões fixas:

Comment allez-vous ? (p. 40) ; Quel est votre nom? (p. 51)

Observa-se uma tendência a se ensinar ao aprendiz de francês como língua estrangeira principalmente as formas interrogativas coloquiais, em detrimento de

formas eminentemente escritas. No *mémento grammatical*, onde é apresentada uma explicação mais detalhada dos fenômenos gramaticais, são enfocadas quase que exclusivamente as estruturas com *est-ce que* e as com pronome interrogativo *in-situ*. Não são fornecidas informações acerca de serem essas formas determinadas por contextos sociais ou pragmáticos, sendo elas simplesmente apresentadas como as formas efetivamente utilizadas para solicitar informação sobre um elemento.

De qualquer maneira, nota-se no material destinado ao ensino de francês, um maior alinhamento com os estudos lingüísticos e uma preocupação em oferecer ao aprendiz do idioma elementos que permitam que ele interaja de forma eficaz com os falantes nativos do idioma – o que não se observa no material por nós analisado para o PB.

### 3

#### Que português ensinar?

A questão do padrão a ser ensinado já foi bastante discutida na comunidade científica brasileira, tomando-se por base, no entanto, o português como língua materna. Bechara (1997) e Cunha (1977 & 1985) já se debruçaram sobre o tema, ainda que sejam dois autores de gramáticas prescritivas. Mais modernamente, vários lingüistas têm tratado desse tema, cientes da realidade quase diglósica vivida pelo falante de língua portuguesa no Brasil. Assim, temos Bagno (1999, 2000, 2001) e Perini (1997), entre outros, que advogam a causa de um ensino de língua materna que não exclua aqueles falantes que possuem uma variante do português brasileiro estigmatizado, o que levaria à sua exclusão como cidadão pleno da sociedade brasileira. Não entraremos na discussão acerca da necessidade ou não de o falante ser “bilíngüe” em sua própria língua, mas é importante que se registre a situação complexa do ensino da língua materna no Brasil. Bagno (1999) fala reiteradamente do ensino de um padrão lingüístico como forma de detenção de poder.

Se a situação do PL1 é até hoje tão controvertida, mais ainda o é a questão de que norma ensinar a aprendizes de PL2 ou como língua estrangeira. No caso de falantes nativos do português se questiona a utilização e o ensino de uma norma-padrão que em muitos pontos pouco ou quase nada tem em comum com a língua falada pelos alunos. Já no caso dos estrangeiros, esses não possuem nenhuma variante do português e têm de aprender uma norma que lhes sirva de meio de comunicação, que funcione gramatical e pragmaticamente no convívio com os brasileiros. Parece óbvio que o padrão a ser ensinado não pode ser única e exclusivamente a norma culta escrita, a qual não servirá para que a comunicação flua satisfatoriamente.

Carvalho (2002) faz uma análise bastante interessante sobre o material didático de português como segunda língua e constata que:

(...) impera na maioria dos livros uma atitude prescritivista ainda bastante dependente das gramáticas normativas de perfil tradicional. Essa atitude acaba incorrendo em

preconceito contra a “linguagem popular”, considerada como incorreta, uma vez que se distancia do padrão escrito mais formal.

(Carvalho 2002:271)

A autora considera extremamente importante que os aprendizes de português como segunda língua e como língua estrangeira aprendam não só as regras gramaticais, mas também aprendam como e o que fazer com elas, pragmaticamente:

O aprendiz de L2 precisa conhecer não somente as regras organizacionais da gramática, como também a realidade sociopragmática da língua. É preciso, então, que essa contextualização esteja de acordo com o uso, que não seja uma elaboração artificial inadequada, i.e., um contexto que não reflita a realidade. O aprendiz precisa ser exposto a textos autênticos de língua falada e escrita.

(Carvalho 2002: 286)

Carvalho (2002) chama a atenção para a variação lingüística no Brasil e a necessidade de se expor o aprendiz a variantes faladas, caso contrário, a norma ensinada será puramente gramatical e pragmaticamente inócua:

A não-inclusão de formas variantes nos manuais de ensino de português como L2 deve-se, a nosso ver, a um procedimento organizacional que enfatiza a forma em detrimento da função sociopragmática. (...)O professor deve se manter informado acerca das pesquisas lingüísticas: é necessário que saiba que fenômenos lingüísticos se encontram em variação e como essa variação ocorre, para que possa informar o aluno sobre como está sendo usado o português brasileiro. O professor pode e deve ir além dos manuais de ensino.

Carvalho (2002: 287)

A nosso ver, seria mais importante ainda que os manuais de português L2 já trouxessem informações sociopragmaticamente relevantes e não fossem, como constatou Carvalho, minigramáticas prescritivas, apresentando formas como o condicionamento fonológico das variantes –o, -lo e –no, quando essa regra praticamente não mais existe na língua falada brasileira.

A norma a ser ensinada não será, porém, idêntica à língua dita “popular”, mas sim o registro culto, porém distenso, como no caso do projeto NURC. Há que se diferenciar também as noções de norma-padrão e de norma culta. Como diz Faraco (2002):

Assim, a expressão *norma culta* deve ser entendida como designando a norma lingüística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade) por aqueles grupos sociais que mais diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial por aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social. (...) A norma culta está também em contato com as demais normas sociais, havendo aí múltiplas interinfluências e eventuais processos de mudanças em diferentes direções. (...)

Mas a questão das normas não se encerra aqui. A cultura escrita, associada ao poder social, desencadeou também, ao longo da história, um processo fortemente unificador (que vai alcançar basicamente as atividades verbais escritas), que visou e visa uma relativa estabilização lingüística, buscando neutralizar a variação e controlar a mudança. Ao resultado desse processo, a esta norma estabilizada, costumamos dar o nome de *norma-padrão* ou *língua-padrão*.

(Faraco 2002: 40)

Faraco se refere à confusão existente no português brasileiro entre as duas normas, como no caso do ENEM, em que se exige dos estudantes o domínio de uma norma-padrão inatingível ao invés de privilegiar a norma culta. Contra esse padrão, diz o autor:

Como a distância entre a norma culta e o padrão artificialmente forjado era muito grande desde o início, enraizou-se, na nossa cultura, uma atitude purista e normativista que vê erros em toda parte e condena qualquer uso – mesmo aqueles amplamente correntes na norma culta e em textos de nossos autores mais importantes – de qualquer fenômeno que fuja ao estipulado pelos compêndios gramaticais mais conservadores. Essa situação tem nos causado inúmeros males, seja no ensino, seja no uso desejável padrão.(...)

É evidente para muitos e desde há muito que é preciso mudar essa situação, superando o quadro de verdadeira esquizofrenia lingüística em que estamos metidos. E isso só pode ser viabilizado aproximando o padrão da norma culta.

(Faraco 2002: 43)

Uma definição da norma culta por Castilho (2002):

Norma objetiva, explícita ou padrão real é a linguagem efetivamente praticada pela classe social de prestígio, que se podia identificar no Brasil de hoje com a chamada classe culta, escolarizada. Trata-se de um dialeto social que em si nada tem de

“melhor” em relação aos demais, decorrendo seu prestígio unicamente da importância da classe social a que corresponde.

(Castilho 2002: 30)

A nosso ver, parece ser muito importante o adendo “efetivamente praticada” na definição oferecida pelo autor, já que é exatamente isso que se pretende ensinar ao estrangeiro, que, em primeiro lugar, deseja aprender a língua para se comunicar efetivamente com os seus falantes nativos. E essa variante culta, distensa, apresenta várias características que são comuns às variantes de menor prestígio social, sem que isso se reflita nas gramáticas normativas e nem nos manuais de língua portuguesa destinado ao público que a deseja aprender como língua estrangeira ou segunda língua.

Ou, como diz Carvalho (2002):

(...) uma farta literatura sociolingüística tem demonstrado que todos os traços atribuídos à variedade “popular” já estão perfeitamente incorporadas às variedades urbanas cultas brasileiras (cf. por exemplo Bagno, 2000).

(Carvalho 2002: 273)

A autora questiona, por exemplo, o tratamento dado pelos manuais por ela pesquisados à retomada anafórica do objeto direto de 3ª pessoa, pois, segundo ela:

Com base no levantamento, concluímos que, apesar da baixíssima frequência dos clíticos no PB falado, em quatro dos cinco manuais eles ainda ocupam o primeiro lugar como estratégia de retomada anafórica. Nenhum manual inclui o ele acusativo em seus diálogos, o que compromete bastante a fala espontânea de um aprendiz, em especial se ele se encontrar na situação de aprendizagem de PB como língua estrangeira.

(Carvalho 2002: 275)

O mesmo fenômeno pode ser observado no decorrer da presente pesquisa com relação ao pronome interrogativo *que*. Apesar de várias pesquisas lingüísticas apontarem para sua polimorfia, os manuais de português L2 insistem em manter a abordagem tradicional contida nas gramáticas prescritivas do português L1. Fazendo

nossas mais uma vez as palavras de Carvalho (2005: 275): “Isso nos mostra que, apesar das contribuições das investigações sociolingüísticas, alguns livros ainda utilizam como suporte teórico principal as prescrições da gramática normativa.”

Os autores de manuais de PL2 negam com tal atitude ao aprendiz de português L2 ou língua estrangeira informações valiosas com relação ao uso efetivo da língua, que o muniria de subsídios para interagir sociopragmaticamente de modo eficaz com falantes nativos do PB.

## 4

**Análise de dados**

Nos dados do *corpus* selecionado foram encontradas 134 ocorrências do pronome interrogativo *que*, sob suas várias formas. Desse total, 7 foram do tipo *que*+substantivo, que não apresentam variabilidade<sup>1</sup>, e 4 em sentenças encaixadas. Ambas não serão consideradas no presente estudo, restando então 123 ocorrências a serem analisadas.

A relativa baixa ocorrência (11) das orações *in-situ* também não nos permite uma análise consistente de tal fenômeno, mas os números estão dentro do que foi constatado por outros estudos dedicados à interrogação no PB, com uma taxa de ocorrência por volta dos 10%, como afirma Kato (1996), que constatou 16 ocorrências em seu corpus de 200, e que diz a respeito das interrogativas *in-situ*:

Apesar dessas sentenças não terem sido objeto de análise desse trabalho, é importante apontar que esse tipo de ordenação é um fenômeno característico do português do Brasil, não ocorrendo na variante europeia (ver Lopes-Rossi, 1993). Além disso, desde o início desse século percebe-se um aumento considerável desse tipo de construção, sendo que, atualmente, ele já chega a ocorrer em aproximadamente 10% das estruturas interrogativas-Q. O que aponta claramente para uma mudança na estruturação desse tipo de sentença.

(Kato 1996 : 349)

Três ocorrências de *qu-* aparentemente *in-situ*, eram na verdade, perguntas do tipo “eco”, o que as desqualifica para o estudo, já que perguntas desse tipo ocorrem também em línguas onde não são permitidos pronomes interrogativos *in-situ*, como objetivo pragmático de pedir a repetição de uma informação ou de expressar a incredulidade diante da informação.

Das 123, retirando-se as 11 *in-situ*, sobram 112, as quais constituíram o corpus analisado. O quadro abaixo fornece um panorama geral de todas as ocorrências, ainda

---

<sup>1</sup> cf. Lopes Rossi (1993 : 331)

levando em consideração apenas o aspecto sintático e formal, sem considerações acerca do objetivo desse trabalho, que é o de tentar descrever os mecanismos pragmáticos que determinam o uso de uma ou de outra forma:

### Quadro 1: Total de todas as ocorrências

Tipo	Total	%
<b>O que</b>	18	13
<b>Que</b>	22	16
<b>O que que</b>	16	12
<b>Que que</b>	38	28
<b>O que é que</b>	12	9
<b>Que é que</b>	04	3
<b>... o quê</b>	11	8
<b>Que + N, nada</b>	07	5
<b>Encaixada</b>	04	3
<b>O que mais</b>	04	3
<b>Total</b>	136	100

#### 4.1 Que

A forma canônica apresentada por todas as gramáticas normativas tem aparentemente um número de ocorrências bastante razoável: 25 de 112. Ao analisarmos, porém, as ocorrências, notamos uma esmagadora maioria de perguntas do tipo retórico, demonstrando susto, admiração, indignação:

(HQC-20)Y tentando vender uma caixinha como antiguidade para André:

- Isso aqui é o seguinte, é pesado, cem reais.
- **Que é isso?!?**
- 100 reais.
- Cê acha que eu vou dar 100 reais por uma caixinha desse tamanho?

(SAT- 2) O chaveiro veio fazer um orçamento que ela acha caro e lhe dá menos:

- Madame, perai. **Que é isso?!?** menos de cem?
- Eu já disse que não quero mais.
- Por que que você não me falou que ia sair pra procurar um chaveiro? (marido)

(SAT – 10-11-12) Tomás se senta nu entre o casal durante a briga, eles se levantam horrorizados pelo cheiro:

- **Que é isso !?!**
- **Que é isso !?!**

Tomás passa a mão no marido, que se esquivava indignado:

- **Que é isso!?** Tá me estranhando?

(SAT - 13 ) Na festa, o Tarzã ataca as mulheres, Andréa reage e se solta dele:

- **Que é isso?!**

(SAT – 22 ) As mulheres se dão conta de que estão sendo observadas e começam a tirar as roupas:

- **Que é isso?** Elas estão tirando a roupa pro cara.
- Que ridículo, que mico!

(SAT - 36) Toca a campainha, entram Tomás e Ana:

- Que que ces tão fazendo aqui, ehm ?
- Vocês são tudo que eu tenho mais próximo de uma família que eu pude ter na minha vida.

Ele joga as coisas de Tomás pela janela, Tomás grita, desesperado:

- **Que é isso???**

(DB – 4-5-6) Deus faz surgir vários peixes que envolvem o barco voando, batendo em Taoca, que grita desesperado.

- **Que é isso? Que é isso? Que é isso?**
- Não fique nervoso!

(GF – 13-14) Na garagem, o carro saindo em disparada, fugindo, Lineu gritando desesperado:

- **Que é isso? Que é isso?** Volta aqui, ó! Olha só, o safado roubou meu carro! Vou na polícia!
- Lineu, melhor não meter polícia não...

Em todas os exemplos acima, trata-se da estrutura lexicalizada “que é isso?”, que não necessariamente expressa um pedido de informação, mas sim uma pergunta retórica, na qual o falante externa sua indignação, impotência, raiva diante de um fato, funcionando como uma válvula de escape. As únicas duas ocorrências em que se

pode ver ainda uma estrutura que realmente interroga sobre um determinado elemento são as seguintes:

(HQC - 22 ) André surpreende a menina na frente da loja com um presente:

- **Que é isso?**
- É uma cortina japonesa.
- Cortina?
- É, pro teu quarto.(...)
- Quando é teu aniversário?
- Ah, já foi. Faz tempo.
- Vou te dar um presente.

(BF - 4) Choquita experimenta o *babydoll* roubado da acidentada, sua colega vê e pergunta:

- **Que é isso?**
- Presente do meu noivo.
- Presente do dia das bruxas?!

No primeiro caso, trata-se realmente de um pedido de informação, já que a menina não pode ver o que é, por estar embrulhado, mas também poderia ser interpretado como uma reação ao que ela já pressente ser um presente, no sentido de “por que você está me dando isso?”; assim como no segundo caso, a amiga vê que se trata de um *babydoll* e não necessariamente precisa dessa informação, antes sinaliza com a pergunta que queria saber de onde veio aquilo.

É importante ressaltar que todas as ocorrências com *que* são do tipo *que é (isso)?*, o que aponta realmente para uma quase lexicalização desse tipo de sentença, bem como para o desaparecimento desse tipo de estrutura como forma canônica na língua falada do português brasileiro.

## 4.2 O que

A forma *o que*, apontada por quase todos os gramáticos como sendo enfática, aparece 18 vezes no *corpus* analisado, das quais 5 seriam do tipo pergunta retórica, como nos casos já vistos acima, através da qual o falante expressa seu espanto, raiva, surpresa:

(HQC - 8) M diz para Y:

- Eu sou virgem.
- **O que é isso?** (incrédulo)
- Não precisa acreditar, ninguém acredita mesmo.

(HQC - 25) Esperando antes do assalto:

- Onde é que ce tava, pô?
- Tu nem me viu chegar.
- **O que é isso, cara?**

(SAT - 1) X vem correndo para abrir a porta:

- Mas **o que é isso...?** Mas que glamour.. a noite promete..

Tentando seduzir o marido, que se esquivava:

- Como é que você pode recusar um presente do meu tamanho?

(SAT - 19) Ana saindo de casa, falando pro marido, que diz querer finalmente conversar:

- **O que é isso!?** conversar? Agora cê quer conversar?
- Cê ta me abandonando, é isso?

(SAT – 23-24 ) O amigo de Claudia começa a fazer strip-tease:

- **O que foi?** Estão abrindo a cortina de novo.
- **O que é isso??**

(DB – 1) No sonho, Taoca entra correndo numa sala, São Pedro pergunta irritado com a bagunça causada por ele:

- **O que é isso?**
- Baudelé Vieira, meu santo.
- Caloteiro. (Baudelé, atirando)
- Agiota!
- Não deixe esse após... embarcar sem me pagar o que deve, meu santo.

(ASP - 2) O grupo conversando sobre o novo chefe, logo depois de ele ter saído, espantados e assustados com suas atitudes:

- Jesus, **o que é isso?**

- Ele é o demônio. Nós habitávamos o paraíso, uma repartição sem chefe. Não podemos aceitar essa festa que ele está oferecendo pra nós.

Foram constatados cinco casos de perguntas do tipo “pedido retórico de definição”, em um modelo quase de linguagem escrita:

(ASP – 12-13-14) No centro, falando com o chefe que o promoveu:

- É o meu segundo dia no FMDO e não tem nada pra fazer lá.
- Sei, e o que é que tem de errado?
- Bem, um órgão que não serve pra nada, pessoas ganhando salário para não fazer nada.
- E eu repito e pergunto: O que é que tem de estranho?
- Todo mundo fica falando mal dos outros o dia inteiro.
- É como qualquer escritório no Brasil. Falar mal dos outros é o grande verdadeiro esporte nacional, não sabia? Veja bem, **o que é** a democracia, se não um falando mal do outro? **O que é** a liberdade de imprensa se não o direito de falar mal dos outros? A ONU, **o que é**, além de um país falando mal do outro? Você está sendo extremamente preconceituoso.

(SAT - 5) Casal Andréa e Tomás brigando:

- **O que é a sua vida**, Andréa?
- Eu não sei, não sei mais.
- Eu te compro outro. Será que sua vida se resume a comprar ?
- E a sua, se resume a quê?

(BF - 10) Cena final, reconciliação, o casal:

- Então, por que que ce foi pra cama com a Virgínia? A gente nunca vai ser uma família normal mesmo...
- **O que é uma família** normal? Se você está comigo eu estou feliz.

Perguntas do tipo *o que* canônicas, sem serem do tipo pedido de definição foram raras, somente três, e que se resumiram a expressões do tipo *o que é*, *o que foi*, com forte característica de expressões feitas:

(GF - 20) Agostinho tentando convencer a família a dar dinheiro para apostar em cavalos:

- Ah, é? Seus amigos falam com cavalos? Que mais que eles fazem, fumam c.....?
- Ai, vô, que que tem? Tem gente que até fala com plantas.

- Tem, tem mesmo. Um momento que esta planta está me chamando. **O que é, filha?** Ah, ela está me dizendo que o Agostinho é um idiota.
- A outra lá tomando banho de sol e você pensando aqui em cavalo. O que que vocês tão pensando, que a vida é um mar de rosas?

(DB - 3) Taoca fala com seu pai sobre Baudelé, quando entra sua irmã de véu:

- O quê? Ta indo pra igreja de novo?
- Padre Ambrósio mandou me chamar.

O irmão olha pra ela de modo estranho, ela pergunta:

- **O que foi?**

Uma apenas realmente parece ser do tipo canônica com pedido de informação, ainda que tenha uma carga sarcástica bastante marcada:

(SAT - 3) Andréa e Tomás brigando:

- Você tem tudo. **O que** você quer, vestido? O que que ta te faltando, Andréa?
- Amor.

Pode-se constatar que as duas formas acima (*que* e *o que*) consideradas como canônicas pela gramática tradicional, na qual se baseiam os livros de português destinados ao ensino a estrangeiros, abrangem alguns tipos de interrogativas, que nem sempre realmente são interrogativas reais, mas que muitas vezes são atos de fala que expressam sentimentos como raiva, indignação, surpresa, e que na verdade não têm por objetivo obter uma resposta objetiva.

#### 4.3. O que que/ que que

Não foi detectada nenhuma diferença relevante - pragmática ou semântica - entre essas duas formas, ambas sendo de fato variantes da forma canônica do pronome interrogativo *que* na linguagem falada no PB em situações distensas. A pequena saliência fônica do pronome *o*, que foi utilizado originariamente para ressaltar o pronome interrogativo *que*, como nos ensinou Sai Ali (cf. cap. 5), parece ter perdido sua razão de ser. A forma *que que* é a mais utilizada: 16 *o que que*, 37 *que que*.

Assumiremos aqui que essa forma é uma forma curta da clivada, como afirma Kato (2005), provando que a estrutura é que está se gramaticalizando como elemento interrogativo no português brasileiro.

(HQC – 3-4) André conversando com a menina à beira do rio.

- **E o que que tu faz?**
- Eu, eu sou operador de fotocopadora.
- **E o que que é isso?**
- Eu opero uma máquina de fotocopiar.
- Tipo xerox?
- É, mas só que de outra marca.

(HQC - 13) Na loja, seu Gomide aponta para o anjo:

- **Que que é isso aqui?**
- É um anjo, comprei pra minha mãe.

(HQC - 17) André no bar:

- Por que você não convidou ela pra sair com a gente, a quatro?
- Estou sem dinheiro.
- **Que que é isso na tua orelha?**
- É uma semente, assim aperta um ponto no lóbulo.
- Semente de quê ?
- Não interessa. É pra parar de fumar.

(HQC - 23) No bilhar André pede um conselho depois de ver o pai da menina espiando pela fechadura do banheiro:

- Mas, **o que que cê vai fazer?**
- Não sei.
- O que tu podia fazer é dizer pra ela.

(SAT - 4) Andréa e Tomás brigando:

- Você tem tudo. O que você quer, vestido? **O que que ta te faltando, Andréa?**
- Amor.

(SAT–20-21) Depois das separações, homens e mulheres em aps diferentes,Miguel está observando o ap de frente com binóculos:

- **Que que ta pegando, Miguelito?**

- **Que que ces tão** fazendo ?
- O dia inteiro na piscina, devem estar sentindo nossa falta.

(SAT – 25-26-27) A mãe chega ao apartamento:

- Mas **que que ta** acontecendo aqui? Você trocou a fechadura da porta sem me avisar? Não posso entrar na minha própria casa, é isso? Gente, que nojo! (vendo a bagunça) Carlos Fernando, **que que está** acontecendo?
- Eu devia ter avisado...
- **Que que cê** tá fazendo aqui, mãe?
- Mas eu não posso vir dar um beijo no meu próprio filho?

(DB - 2) No sonho, Taoca entra correndo numa sala, São Pedro pergunta exasperado:

- O que é isso?
- Baudelé Vieira, meu santo.
- Caloteiro. (atirando)
- Agiota!
- Não deixe esse após... embarcar sem me pagar o que deve, meu santo.
- **O que que esse usurário sem coração** está fazendo aqui de contrabando?

(DB - 9) Lendo uma notícia no jornal, Deus diz:

- Esse aí é Quincas das Mulas, tenho certeza.
- **O que que** tu tanto quer com esse Quincas?
- É nada não, é emprego que o professor que arrumar pra ele.

(DB – 17-18) Depois dos tiros disparados da margem, Taoca pensa que Madá morreu, ela diz, mostrando a medalha que a salvou:

- O tiro pegou bem na medalha.
- Quando eu vi que tava viva, achei melhor fingir de morta, pra Baudelé ir simbora duma vez, não é? Acho que deu certo.

(...)

- **Que que tu** tava dizendo ainda agora?
- Que tu tava viva.
- Não, antes, quando eu tava morta. Tava preocupado comigo, Taoca?

(...)

- **Que que** o professor foi fazer ali?
- Esse sujeito é meio amalucado mesmo. Se tem problema na idéia. Deixa ele pra lá.

(BF – 6-7) Na rua, menino de rua falando com a acidentada:

- Posso ajudar a carregar sua bolsa?
- **O que que é isso aí?** (apontando para uma marca de queimadura)
- Meu padrasto.

- **O que que** ele fez?
- Ah, ele me tacou o ferro de passar. Pô, paga um refrigerante.

(GF - 1) Agostinho chama a polícia após ver uma pessoa suspeita rondando uma casa, tumulto. Lineu pergunta:

- **O que que ta** acontecendo aí na rua?
- Um cara tentou invadir a casa aí de frente.

(GF - 6) Em casa, depois do porre:

- Aqui, Lineu, ce ta péssimo, mas eu tenho que te dizer: ce foi covarde.
- **O que que aconteceu** comigo, Nenê? Como é que eu fui me deixar levar pela conversa do Agostinho? Prejudiquei um homem honesto

(ASP - 5) Chefe põe música:

- Gente, Osvaldo Montenegro, Ivan Lins. **O que que ta** acontecendo? Pelo amor de Deus, sabe?

#### 4.4 O que é que/ que é que:

No caso das formas clivadas com *é que*, nota-se uma predominância da forma precedida de o, provavelmente pelo caráter enfático dessa forma mais longa. Nesse grupo colocamos tanto as formas invariáveis com *é que*, tanto aquelas com o verbo ser no passado (foi que), ainda que pareça haver uma diferença entre ambas as formas, como será visto mais adiante neste capítulo.

As formas clivadas demonstram realmente ter uma função mais específica do que as formas simples (que/ o que) e as reduplicadas (que que/ o que que): expressar insistência, intimidação e nervosismo:

(HQC - 9) André chega à loja onde Y trabalha e parece decepcionado:

- Não, é que eu achei que tu tinha grana.
- Por que achou que eu tinha grana?
- É que você chegou todo arrumado...
- Vamos lá, **o que é que tu quer?** (irritado)

- Não, eu queria... será que dá pra gente sair?

(HQC - 15) No restaurante, conversando com a menina, ela conta:

- (...) fui me servir de feijão e tinha uma bruxa boiando. Eu fui reclamar com o cara e ele disse: Caiu. **O que é que** tu quer que eu faça?

(HQC – 31-32-33) O ladrão que vendeu a arma a André espera por ele na saída do restaurante:

- Roupa nova, André? Tua namorada?
- Não, amiga.
- **O que é que** tu quer, Feitosa? (com raiva)
- **O que é que** eu quero? (intimidando) A grana do assalto. Por que que tu acha que tá vivo?
- **Que é que** tu acha, Feitosa? (intimidando) Que eu vou fugir? Tu sabe onde eu moro, onde minha mãe mora.
- Onde tua amiga mora...
- Pois é, eu não vou fugir, amanhã te dou o dinheiro.

(DB - 11) Na aldeia, Quincas das Mulas falando com Deus e Taoca:

- É ele, Taoca. Quincas das Mulas.
- **Que é que vocês** querem comigo? (desconfiado e irritado)
- Preciso falar com você.
- Sobre o quê?
- Eu tenho uma proposta pra lhe fazer.
- Mas que proposta?
- Isso é um assunto delicado que eu prefiro abordar em particular.

(DB – 13-14) No ônibus levando as meninas para o norte:

- **O que é que** tu ta fazendo aqui tão longe da ilha?
- Seu Baudelé Vieira ta levando a gente pro norte.(...)
- Professor, ó... (mostra Madá). Elas tão indo pro norte pra fazer a vida lá
- **E o que é que tem?** (desafiante)
- O senhor vai deixar ela ir?
- Você é o quê dela?
- Nada. O senhor me desculpe muito, mas o senhor é por demais irresponsável.
- Vocês amam demais. Às vezes eu me pergunto onde é que vocês vão buscar tanta vocação pra isso.

(ASP – 10-11) No centro, falando com o chefe que o promoveu:

- É o meu segundo dia no FMDO e não tem nada pra fazer lá.
- Sei, e **o que é que tem** de errado? (irritado)

- Bem, um órgão que não serve pra nada, pessoas ganhando salário para não fazer nada.
- E eu repito e pergunto: **O que é que tem** de estranho? (irritado)
- Todo mundo fica falando mal dos outros o dia inteiro.

No corpus, há três casos de clivadas com o verbo *ser* no pretérito perfeito. Segundo Reichmann (2005), a forma *foi que* seria menos gramaticalizada do que *é que* e teria a função de focalizar o pronome interrogativo, enquanto a forma *é que* focalizaria a pergunta como um todo. A autora atenta para o fato que tal diferença só é perceptível no passado, mas que *é que* teria, por ser mais gramaticalizada, também a possibilidade de assumir a focalização do pronome interrogativo, estando portanto em concorrência com *foi que*:

Estruturas com um maior grau de gramaticalização têm uma utilização mais ampla. Em muitas perguntas em português fica difícil fazer uma correlação, pois não se pode notar a diferença no presente. A possibilidade de diferenciar “*é que* = partícula de realce” e “*foi que* = realce do pronome interrogativo” só é possível em perguntas no passado. Em perguntas no presente só se pode diferenciar através do contexto. (...) Como a locução *é que* apresenta um maior grau de gramaticalização e também uma maior gama de utilizações, ela poderia eventualmente em algumas situações ter a função de enfatizar o pronome interrogativo. (Reichmann 2005 : 132) <sup>2</sup>(tradução nossa)

No corpus analisado, só aparecem casos de interrogações no presente com *é que*, não foi encontrado nenhum caso de *é que* + *passado*, somente *foi que* + *passado*, o que tornaria difícil a formulação de uma hipótese:

(GF - 5) Lineu na casa do vizinho, depois do roubo, o vizinho bebendo por ter perdido o emprego:

- Mal você entrou já fiquei jogando em cima de você os meus problemas.
- Vamos manerar.
- Vamos conversar.
- **O que foi mesmo que** você veio me perguntar?

---

<sup>2</sup> Strukturen mit einem höheren Grammatikalisierungsgrad haben eine breitere Verwendung. In vielen portugiesischen Fragesätzen ist jedoch die Zuordnung schwierig, weil der Unterschied im Präsens nicht erkennbar ist. Die Unterscheidungsmöglichkeit „*é que* = Hervorhebungspartikel“ und „*foi que* = Hervorhebung des Fragewortes“ ist daher nur in Fragesätzen in der Vergangenheit möglich. In Fragesätzen im Präsens ist der Unterschied nur durch Interpretation, d.h. durch Einbeziehung des Kontexts möglich (...) Da die Lokution *é que* einen hohen Grammatikalisierungsgrad und damit eine breitere Verwendung aufweist, könnte sie eventuell in bestimmten Situationen die Funktion der Fokussierung des Frageworts übernehmen. (Reichmann 2005 : 132)

- Você sabe onde fica Sumatra?

(GF – 11-12) Na cozinha depois do porre, ouvindo o relato sobre o atropelamento, Lineu diz:

- **O que foi que eu fiz**, Agostinho? **O que foi** que eu fiz?
- Uma tragédia!

(HQC - 34) Com a menina, depois de ela ter descoberto tudo sobre o assalto:

- Ele te contou ou você descobriu?
- Ele contou.
- **Que foi que** ele disse? (curiosa)
- Que era tu o cara do assalto (...)
- Que que tu faz além de desenhar, fazer cópia de dinheiro e assaltar banco?
- Sílvia, eu sou operador de fotocopadora.

#### 4.5 (o) que que enfática:

Ainda que neste trabalho não se tenha levado em consideração a entoação como instrumento principal de análise, há de se mencionar que, algumas vezes, as formas (o) *que que* foram encontradas no *corpus* com características enfáticas, atribuíveis à entoação enfática com a qual foram proferidas:

(SAT – 17-18) Discussão na cozinha, o marido e o amigo ficam discutindo sobre o comportamento de Ana, ela reage:

- Que história é essa de ficar falando da minha vida? **Que que** é isso? **Que que** é isso? (exaltada) Quem sabe do que eu preciso sou eu. Sabe do que que eu tou precisando? Ficar longe de vocês!

(SAT - 31) Miguel entra no apartamento, Claudia o recebe:

- **Que que** você quer agora, Miguel? (irritada)
- Eu vim pegar meus ternos, né? Isso aqui é minha casa, pô!
- Vai pegar seus ternos, vai!

A entoação é sem dúvida um dos mecanismos pragmáticos mais eficazes para expressar ou corroborar aquilo que se diz, sendo importantíssima para expressar emoções, como afirma Dik (1997 : 443-466). Os dados do corpus parecem permitir contudo a conclusão de que a ênfase pode ser expressa tanto pela clivagem quanto pela entoação, sendo esse o caso no PB.

## 5 Conclusão

O pronome interrogativo *que* no PB atual é caracterizado por uma variedade de formas que não pode ser explicada apenas por fatores sociolinguísticos. Diferentemente do que acontece na tradição gramatical do francês, idioma que apresenta características semelhantes ao PB no que diz respeito à interrogação, a gramática tradicional brasileira não leva em consideração o desenvolvimento da estrutura interrogativa, mantendo como forma canônica uma forma (*que*) a qual já no início do século XX estava sendo substituída pela forma reforçada *o que*. Com raras exceções (Perini 2002), a forma reduplicada (*o que que*), majoritária segundo os dados estudados, nem é mencionada.

No caso das gramáticas editadas no exterior dedicadas ao ensino do português para estrangeiros, segue-se uma linha um pouco mais condizente com a realidade linguística do PB, sendo mencionadas várias formas, como as *in-situ* e as clivadas com *é que*. Já os manuais editados no Brasil seguem uma linha muito fiel à gramática tradicional, preconizando o ensino de uma língua-padrão que já não é utilizada nem mesmo por falantes urbanos cultos. Pleiteamos o ensino de um padrão culto distenso, o qual habilitará o aprendiz interessado em aprender nossa língua materna a fazê-lo de maneira eficaz, sem no entanto deixar de lado a preocupação com a língua culta escrita, oferecendo informações adicionais que completem o mosaico linguístico brasileiro. A nosso ver, é esse o caminho a ser trilhado, e não o caminho inverso, de se ensinar um padrão artificial, que é comunicativa e pragmaticamente inadequado para só depois oferecer a norma efetivamente praticada.

O presente estudo confirmou a hipótese postulada, segundo a qual a forma canônica do português falado seria uma estrutura derivada da interrogação clivada, como no caso do francês. Além disso, confirmaram-se também as hipóteses de que as demais formas, que pareciam ser sinônimas, possuem valores pragmáticos distintos,

excetuando-se as formas chamadas reforçadas (*o que é que, o que que*), precedidas de *o*, as quais parecem não ter nenhum valor distinto dos seus pares não-reforçados.

- a forma caracterizada pela gramática tradicional *que* praticamente só aparece em estruturas lexicalizadas: perguntas do tipo retórico, demonstrando susto, admiração, indignação;

- a forma *o que*, a qual seria a sucessora da forma pura *que*, também parece não ser a forma canônica neutra na linguagem falada do PB, sendo quase todas as ocorrências casos de perguntas retóricas, através das quais o falante expressa seu espanto, raiva, surpresa; poder-se-ia mesmo pensar em uma única categoria *que/o que*;

- as formas clivadas, tanto *o que é que* quanto *que é que* têm um valor claramente de realce, com funções bem definidas, nomeadamente para expressar insistência e intimidação;

- as formas reduplicadas *o que que* e *que que* podem ser consideradas a forma canônica da interrogação neutra com o objetivo de obter a informação que falta ao falante – a definição clássica da função do pronome interrogativo. Assim como no caso das clivadas, não pôde ser confirmado se há alguma diferença pragmática entre a forma reforçada (*o que que*) e a não-reforçada (*que que*).

Temos a convicção de haver realizado um estudo cujos resultados certamente contribuirão para que o material elaborado para o ensino de português brasileiro a falantes de outras línguas seja acrescido de informações relevantes, já que se demonstrou ser insatisfatória e pragmaticamente incorreta a descrição das estruturas interrogativas do português brasileiro apresentada nas obras didáticas.

Seria necessário que as conclusões deste trabalho fossem apenas o começo de uma série de pesquisas que tratasse do tema interrogação no português brasileiro, pois ainda restam seguramente muitas perguntas a serem respondidas.

## 6 Bibliografia

ARAÚJO CARREIRA, H.; BOUDOUY, M. (1994) *Le Portugais de A à Z*. Paris, Hatier.

AUGUSTO, M. R. A. (2005) QU deslocado e QU in situ no PB: aspectos da derivação lingüística e questões para a aquisição da linguagem. In: *IV Congresso Internacional da ABRALIN - Associação Brasileira de Lingüística, 2005, Brasília. Atas do IV Congresso Internacional da ABRALIN*. p. 535-542.

BAGNO, Marcos. (1997) *A língua de Eulália*. Contexto, São Paulo.

(1999) *Preconceito lingüístico. O que é, como se faz*.

17ª edição. Edições Loyola. São Paulo.

(2000) *Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão*. São Paulo : Loyola.

(2001) *Português ou Brasileiro?* São Paulo : Parábola.

(2001) (org.) *Norma lingüística*. São Paulo: Loyola.

( 2002) (org.) *Lingüística da norma*. São Paulo: Loyola.

BECHARA, E. (1962) *M. Said Ali e sua contribuição para a filologia portuguesa*. Tese de concurso para uma cátedra de Língua e Literatura do Instituto de Educação do Estado da Guanabara. Rio : mimeo.

(1989) *Ensino da Gramática; opressão? Liberdade?* 4. ed.  
São Paulo : Ática.

(2001) *Lições de Português pela Análise Sintática*. Rio de Janeiro, Editora Lucerna.

(2002a) Gramática escolar da Língua Portuguesa. Rio : Lucerna.

(2002b) *Moderna gramática da língua portuguesa*. 22. ed. São Paulo : Nacional.

BERLINCK, R.de A. (1989) A construção V+SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: F. TARALLO (org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes.

BRAGA, Maria Luiza (1999), Fala, escrita e estratégias de focalização. In: Campos, Odette L. Altmann de Souza (Hg.), *Descrição do português: abordagens funcionalistas*. Araraquara, São Paulo: FCL - UNESP - Araraquara.p.281-298.

CARVALHO, Orlene Lúcia de S. (2002) Variação lingüística e ensino: uma análise dos livros didáticos de português como segunda língua. In: Bagno,M. (Org.). *Lingüística da norma*. 1 ed. São Paulo: Loyola, 2002, v. , p. 267-291.

CASTILHO, A. T. . Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa. In: Marcos Bagno. (Org.). *Lingüística da Norma*. 1a. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002, v. , p. 27-37.

CUNHA, C. & CINTRA, L.F.L (1999) *Gramática do Português Contemporâneo*. 2ª edição Rio de Janeiro : Editora Nova Fronteira.

(2001) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*.3ª edição. Rio de Janeiro : Editora Nova Fronteira.

DIK, S.C. (1997) *The Theory of Functional Grammar*, vols. 1 ed. by Hengeveld, Kees. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.

Druetta, Ruggero (2002) *Qu'est-ce tu fais? État d'avancement de la grammaticalisation de est-ce que. Première partie*. Disponível em : <http://www.ledonline.it/linguae/allegati/linguae0202druetta.pdf>  
Acessado em 15.07.2006

DUARTE, M. E.L. (1992) A Perda da Ordem VS em Interrogativas QU- no Português do Brasil. *D.E.L.T.A.*. 8, p. 37-52. São Paulo.

(1996) Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: I. Roberts, M. Kato (orgs), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas : Editora da UNICAMP.

FARACO, C. A. . Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: Marcos Bagno. (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2002, v. , p. 37-61.

FLORISSI, Susanna; PONCE, Maria Harumi Otuki de & BURIM, Silvia R. B. Andrade.(1999) *Bem-Vindo*. 1ª edição, São Paulo: SBS.

GÄRTNER, E. (1998) *Grammatik der portugiesischen Sprache*. Tübingen : Niemeyer.

GEMMECKE, T.J. (1993) *Elementargrammatik der chinesischen Hochsprache*. Stuttgart : Schmetterling.

GREVISSE, M.; GOOSE, A. (1988) *Le Bon Usage*. Paris-Gembloux : Ed. Duculot.

HALLIDAY, M. A. K., & MATHIESSEN, C. M. I. M. (2004). *An introduction to functional grammar*. (3rd. Edition). London: Arnold.

HOFFNAGEL, J. C. (2002) Entrevista:uma conversa controlada. In: Angela P. Dionisio; Anna Rachel Machado; Maria Auxiliadora Bezerra. (Org.). *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. p. 182-195.

HUTCHINSON, Amélia P. & LLOYD, Janet. (1996) *Portuguese: An Essential Grammar*. New York: Routledge.

KATO, M.A. (1987) Inversão da ordem SV em interrogativas no português: uma questão sintática ou estilística? *D.E.L.T.A*, 3.2: 243-52. São Paulo.

KATO, M.A. (Org.) (1996) *Gramática do português falado: convergências*. 1a. ed. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP.

KATO, M.A. .(1998) Formas de funcionalismo na sintaxe. *D.E.L.T.A*.. São Paulo, v. 13, p. 145-168.

KATO, M.; BRAGA, M.L.; RECHE, V. C.; ROSSI, M.A.L.; SIKANSI, N.S. (1996), As construções-Q no português brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas . In: Koch, Ingedore G. Villaça (Hg.), *Gramática do Português Falado. Volume 6 - Desenvolvimentos*. Campinas: Editora da Unicamp. P. 303-368.

KATO, M.A. (Org.) ; ROBERTS, I. (Org.) . (1993) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas : Editora da UNICAMP.

KATO, M.A. ; MIOTO, C. (2005) As interrogativas-Q do Português Brasileiro. *Revista da ABRALIN*, Belo Horizonte, MG, v. 4, n. 1 e 2, p. 171-196.

KATO, M.A. ; MIOTO, C. (2005) A multi-evidence study of European and Brazilian Portuguese wh-questions. In: Stephan kepser;Marga Reis. (Org.). *Linguistic evidence:empirical, theoretical and computational perspectives*. 1a ed. Berlin/New York: Mouton De Gruyter, 2005, v. , p. 307-328. Disponível em: <http://www.sfb441.uni-tuebingen.de/LingEvid2004/abstracts/kato.pdf>. Acessado em 20.01.2007.

LIMA, E.E.O. F.; LUNES, S. A (1991) *Avenida Brasil. Curso básico de português para estrangeiros*. São Paulo : Ed. E.P.U.

LIMA, Rocha (1994) *Gramática normativa da língua portuguesa*. 24. ed., Rio de Janeiro: José Olympio:

(1999) *Gramática normativa da língua portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

LUFT, C. P. (2001) *Moderna gramática brasileira*. 4. ed. Porto Alegre : Globo.

MARCHANT, M. (1988) *Português para estrangeiros*. Porto Alegre : Sulina.

MASSOT, B. (2003) *Éléments linguistiques pour une vision diglossique du français contemporain* », Mémoire de DEA de Sciences du Langage, Université Paris 8, Vincennes. Disponível em: <http://ciel8.free.fr/Benjamin/DEA%20massot.pdf>

Acessado em 12.5.2006

MATEUS, M. H. M. et alii (1987) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa : Caminho.

MATTOSO CAMARA, J. (1979) *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro : Padrão.

MODESTO, M. (2000) *As Construções Clivadas no Português do Brasil*. São Paulo: Humanitas.

MODESTO, M. (2003) A Interpretação das Sentenças Clivadas. In: Ana Müller; Esmeralda V. Negrão; Maria J. Foltran. (Org.). *Semântica Formal*. São Paulo, Contexto. p. 189-204.

NEVES, Maria Helena de Moura e BRAGA, Maria Luiza. Hipotaxe e Gramaticalização: uma Análise das Construções de Tempo e de Condição. *DELTA*. [online]. 1998, vol. 14, no. spe [citado 2007-01-16].

Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501998000300013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300013&lng=pt&nrm=iso). ISSN 0102-4450. doi: 10.1590/S0102-44501998000300013

NEVES, M.H.M. (1999) "Estudos Funcionalistas no Brasil". D.E.L.T.A. vol.15, especial:70-104

(2000) *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP.

(2004) "*A gramática funcional*". São Paulo: Martins Fontes.

OLIVEIRA, A. M. S. C. L. de (2003) *Aquisição de constituintes-QU em dois dialetos do português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Campinas : Unicamp.

Disponível em:

<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000294462>

Acessado em 19.01.2007.

PERINI, Mário (1996) *Gramática Descritiva da Língua Portuguesa*. São Paulo : Editora Ática.

PERINI, Mário A. (2002) *Modern Portuguese. A Reference Grammar*. (Yale Language Series ). New Haven & London: Yale University Press.

PEZATTI, E. G. (1998) Constituintes pragmáticos em posição inicial: distinção entre Tema, Tópico e Foco. *Alfa - Revista de Linguística*, São Paulo : ed. UNESP, v. 42.p.133-150.

PRISTA, A. (1996) *Essential Portuguese Grammar*. New York: Dover Publications.

REICHMANN, T. (2005) Satzspaltung und Informationsstruktur im Portugiesischen und im Deutschen - ein Beitrag zur kontrastiven Linguistik und Übersetzungswissenschaft. 2005. Tese de Doutorado, Universidade do Saarland.

URL: <http://scidok.sulb.uni-saarland.de/volltexte/2006/503/index.html>

Acessado em 22 de fevereiro de 2007.

ROSSI, M.A.G.L. (1993) Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português do Brasil. In: Roberts & Mary A. Kato (orgs.) *Português brasileiro, uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993. p. 343-386.

ROUQUIER, M. (2002) Les interrogatives en 'qui/qu'est-ce qui/que' en ancien français et en moyen français. *Cahiers de Grammaire* V.27. « Questions de Syntaxe », p. 97-120. Disponível em :

<http://w3.univ-tlse2.fr/erss/textes/publications/CDG/27/CG27-6-Rouquier.pdf>

Acessado em 20.5.2006 e 17.1.2007

SAID ALI, M. (1950a) *Dificuldades da Língua Portuguesa*. Rio : Acadêmica.

(1950b) *Grammatica Historica da Lingua Portugeza*. Rio : Melhoramentos.

(1969) *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. Rio : Melhoramentos.

(1923 ) *Gramática Elementar da Língua Portuguesa*. 8ª ed.". Rio :Melhoramentos

THOMAS, Earl W. (1997) *A Grammar of Spoken Brazilian Portuguese*. Nashville : Vanderbilt Univ. Press.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1999), O relevo no português falado: tipos e estratégias, processos e recursos . In: Neves, Maria Helena de Moura (Org.), *Gramática do Português Falado*. Volume VII: Novos Estudos. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP. Campinas: Editora da Unicamp.p. 77-130.

TYSON-WARD, Sue (1997) *Portuguese Verbs and Essentials of Grammar* . Lincolnwood : Passport Books.

THOMAS, Earl W. (1997) *A Grammar of Spoken Brazilian Portuguese*. Nashville : Vanderbilt Univ. Press.

## 7 ANEXO

### Transcrição

#### O homem que copiava (HQC)

HQC-1-2

No caixa do supermercado:

- Quanto deu até agora?
  - 11,30.
  - Tudo bem.
  - Quanto é que é a carne? (nervoso)
  - 3,05.
  - Não vai dar. Eu só tenho 11,30.
  - Não deu.
  - Não, mas eu preciso levar. Quanto é que é o fósforo?
  - 1,20.
  - Pois é, não vai dar.
  - (...)
  - Quanto é o detergente?
- A caixa chama o gerente.
- **Que que foi?**
  - Vou ter que abrir.
  - Qual é o problema?
  - É que eu preciso levar os fósforos.
  - Quanto tu tem aí?
  - 11,30.
  - Você vai tirar **o quê?**

HQC-3-4

Segunda Cena

André com a menina à beira do rio.

- **E o que que tu faz?**
- Eu, eu sou operador de fotocopadora.
- **E o que que é isso?**
- Eu opero uma máquina de fotocopiar.
- Tipo xerox?
- É, mas só que de outra marca.

HQC-5

No supermercado II

André falando com uma cliente que acha que foi maltratada:

- Mas não precisa se irritar.
- **O que mais** a senhora quer que eu faça?

- Qual é o problema?
- Esse rapaz. Eu pedi para ele tirar a lata de azeite de cima das frutas e ele ficou irritado.

## HQC-6

Na loja, no trabalho:

André falando com a colega de trabalho:

- Quanto custa uma calcinha?
- Não sei, não uso. Por quê, ehm?
- Não, só pra saber.
- Uhm, sei...
- M., eu tenho um convite para a inauguração de um bar. Tu quer ir?
- **Que bar** é esse?
- Chama Mama Grave.
- Posso levar um amigo?
- Ta, te arrumo dois convites.
- E você com quem?
- Não, não sei ainda não.

## HQC-7

No bar:

X pergunta a André:

- **Você faz o quê?**
- Sou operador de fotocopiadora.
- Ah, sei, lá na loja.

## HQC-8

M diz para X:

- Eu sou virgem.
- **O que é isso?** (incrédulo)
- Não precisa acreditar, ninguém acredita mesmo.

## HQC-9-10

Na loja onde X trabalha:

André chega à loja onde X trabalha e parece decepcionado:

- Não, é que eu achei que tu tinha grana.
- Por que achou que eu tinha grana?
- É que você chegou todo arrumado...
- Vamos lá, **o que é que tu quer?**
- Não, eu queria... será que dá pra gente sair?

No bar:

- Qual é o teu problema?
- Tô precisando de 38 reais.
- Tu quer dinheiro pra quê?
- Pra comprar um chambre.

- Pra quem que é esse chambre?
- Pra minha mãe.
- Leva esse anjo. Chambre é presente pra avó.
- **Que anjo é esse?**
- Não sei, anjo da guarda, tem espada.

## HQC-11

André chegando ao trabalho na loja:

Vê que estão entregando uma máquina nova:

- **Que que é isso?**
- Copiadora colorida. Agora cê vai usar avental.

## HQC-12

No sonho de André:

- Cinco mais meio é dez.
- **O que que te ensinam em matemática?**
- Eu não quero ir à escola.

## HQC-13

Na loja:

Seu Gomide aponta para o anjo:

- **Que que é isso aqui?**
- É um anjo, comprei pra minha mãe.

## HQC-14

Na lotérica:

- **Que dia é hoje?**

## HQC-15-16

No restaurante:

André conversando com a menina, ela conta:

- (...) fui me servir de feijão e tinha uma bruxa boiando. Eu fui reclamar com o cara e ele disse: Caiu. **O que é que tu quer que eu faça?**

(...)

- Tu trabalha aqui por perto?
- Mais ou menos.
- **O que que tu faz?**
- Eu, eu faço ilustrações, desenhos.
- Super legal.

## HQC-17

André no bar com X:

- Por que você não convidou ela pra sair com a gente, a quatro?

- Estou sem dinheiro.
- **Que que** é isso na tua orelha?
- É uma semente, assim aperta um ponto no lóbulo.
- Semente de quê ?
- Não interessa ( ) é pra parar de fumar.
- (...)
- Por que que eu fui parar de fumar? Mulher é uma merda. E ela nem é tão gostosa assim.
- Ela não disse que o cara precisava ser rico e não-fumante? Por que é que tu não espera ficar rico pra parar de fumar?
- Seguinte... (...)
- Por que tu não leva tua amiga lá com a gente? Elas assim em dupla, ficam animadas, querendo se exibir e nós blup...

#### HQC-18-19

André no bar com a namorada:

Mostrando revistas em quadrinhos

- Essa aqui é legal. Eu te empresto.
- Legal, e os teus desenhos?
- **O que que** tem?
- Tu não ia me mostrar?
- Ah, não, não tenho nenhum assim muito bom, pronto.

(...)

- **Que que** tu quer que eu desenhe?
- Ah, não sei, uma coisa que tu goste, que seja boa de ficar olhando.

(...)

Outro dia, mostrando a foto que ele fez do quarto dela olhando pelo binóculo:

- De onde tu tirou aquela frase ?
- De um poema de Shakespeare.
- Tu gosta?
- Ah, não, só li esse.
- Eu tenho uma foto assim grudada no vidro.
- Sei como é. Que foto é?
- É uma foto de minha mãe no Corcovado.

#### HQC-20

X tentando vender uma caixinha como antiguidade para André:

- Isso aqui é o seguinte, é pesado, sem reais.
- **Que é isso?**
- 100 reais.
- Ce acha que eu vou dar 100 reais por uma caixinha desse tamanho?

#### HQC-21

Saindo da lotérica, X irritado por André ter jogado 1,2,3,4,5,6:

- Tu vai jogar **o que** agora? 2,4,5,6,7,8?

## HQC -22

André surpreende a namorada na frente da loja com um presente:

- **Que é isso?**
- É uma cortina japonesa.
- Cortina?
- É, pro teu quarto.(...)
- Quando é teu aniversário?
- Ah, já foi. Faz tempo.
- Vou te dar um presente.

## HQC-23

No bilhar com X:

André pede um conselho a X depois de ver o pai da menina espiando pela fechadura do banheiro:

- Mas, **o que que cê** vai fazer?
- Não sei.
- O que tu podia fazer é dizer pra ela.

## HQC-24

André lendo o poema de Shakespeare que a namorada trouxe:

- “(...) salvo a prole que o enfrenta, se te abate”. **Que é isso?**
- Isso é o jeito de ganhar a morte, enganar o tempo, a prole, os filhos.

## HQC-25

André e X esperando antes do assalto:

- Onde é que ce tava, pô?
- Tu nem me viu chegar.
- **O que é isso, cara?**

## HQC-26

Na locadora, André vê o homem que ele observa sempre da janela do seu quarto e tenta descobrir que tipo de música ele ouve, chegando-se para perto dele, o homem percebe:

- **Que é?**
- Bom dia, é que eu tou fazendo uma pesquisa pro colégio sobre música.
- Que pesquisa?
- Sobre o tipo de música que as pessoas preferem.

## HQC-27-28-29

No restaurante, André com a namorada e o pai dela:

- André, Antunes. Antunes, André.
- **Que idade tu tem?**
- 19.
- Trabalha em quê?
- André desenha pra revistas, desenha super bem
- Vocês se conheceram como?
- N a loja.
- O André foi comprar um presente pra mãe dele.
- Vão beber **o quê?**

A menina vai ao banheiro, o pai ameaça X, pois sabe que foi ele quem assaltou o banco:

- Se eu te entregar, você vai pegar **o quê?** 15 anos no presídio central.

HQC-30

No bilhar, André mostra a X o jornal com as notícias do assalto, da prisão do ladrão e do ganhador da sena, X lê em voz alta:

- "O novo ganhador da sena de Porto Alegre ainda não apareceu para receber seu prêmio. Os números sorteados foram a incrível seqüência 1,2,3,4,5,6...**Que isso, cara?!!**

Ambos comemoram.

- Puta que pariu!!!!

HQC-31-32-33

O ladrão que vendeu a arma a André o espera na saída do restaurante:

- Roupa nova, André? Tua namorada?
- Não, amiga.
- **O que é que** tu quer, Feitosa? (com raiva)
- **O que é que** eu quero? A grana do assalto. Por que que tu acha que tá vivo?
- **Que é que** tu acha, Feitosa? Que eu vou fugir? Tu sabe onde eu moro, onde minha mãe mora.
- Onde tua amiga mora...
- Pois é, eu não vou fugir, amanhã te dou o dinheiro.

HQC-34 -35

Com a namorada, depois de ela ter descoberto tudo sobre o assalto:

- Ele te contou ou você descobriu?
- Ele contou.
- **Que foi que** ele disse?
- Que era tu o cara do assalto (...)
- **Que que** tu faz além de desenhar, fazer cópia de dinheiro e assaltar banco?
- Sílvia, eu sou operador de fotocopiadora.

Com a mãe:

André diz que vai pra Holanda

- Tu volta quando?
- Eu volto logo, são só alguns dias.

No apartamento do pai da menina:

Mulher fala ao telefone com o pai para despistá-lo:

- Tu está onde então, na sala?
- Peraí, Rapaz. Quando é que a gente resolve aquele nosso probleminha?
- Amanhã sem falta, vamos, Sílvia.

Pouco antes da explosão. André pergunta:

- Como é que você vai explicar a comida dentro da máquina de lavar? E a galinha. Como é que você vai explicar a galinha?
- Eu não vou explicar nada. Eu liguei a geladeira de novo. (explosão)

### **Sexo, amor e traição**

SAT-1

Ana vem correndo para abrir a porta:

- Mas **o que é isso?** Mas que glamour.. a noite promete..

Tentando seduzir o marido:

- Como é que você pode recusar um presente do meu tamanho?
- Como é que você pode pensar tanto em sexo?
- Fácil, ficando três meses sem ver a cor. Fala verdade. Por que que você não transa mais comigo? Como é que uma pessoa pode escrever sobre sexo se não transa?
- Onde é que ce vai?
- Imagina, imagina. Você não é criativo? Vai imaginando.

SAT-2

O chaveiro veio fazer um orçamento que ela acha caro:

- Madame, peraí. **Que é isso**, menos de cem?
- Eu já disse que não quero mais.

Marido:

- Por que que você não me falou que ia sair pra procurar um chaveiro?

SAT-3-4

Segundo casal:

- Você tem tudo. **O que** você quer, vestido? **O que que** ta te faltando, Andréa?
- Amor.

No aeroporto:

- Cê ta vindo de onde, Tomás?
- To vindo de Londres.
- E Londres, como é que foi?
- Londres, muito linda também. Eu me casei em Cingapura.
- E cadê tua mulher?
- Ta lá, em Cingapura.

SAT-5

Casal 2 brigando ainda:

- **O que é a sua vida**, Andréa?
- Eu não sei, não sei mais.
- Eu te compro outro. Será que sua vida se resume a comprar ?
- E a sua, se resume a quê?
- Onde é que ce dormiu na terça-feira?
- Terça-feira? Como é que eu vou me lembrar de terça-feira?
- Foi o dia que a gente brigou, você sabe muito bem disso.

SAT-6-7-8-9

Tomás chega no apartamento:

- Tomás, **que que cê tem** nessa mala? As mulheres que você já transou nessa vida?
- Não, essas se extraviaram pelos aeroportos do mundo.
- (...)
- **Que que cês** querem beber? A gente tem de comemorar a chegada do nômade arrependido.
- Mas me fala, Tomás. Além de assaltar carro, **o que mais** você fez?
- Fiz tudo, tudo que você possa imaginar (...)
- E então, **que que cês** querem beber?
- To vendo que a sua viagem foi muito proveitosa.

SAT-10-11-12

O telefone toca, ela atende:

- Quem era?
- Não sei, desligou sem deixar recado.
- Por que que você não deixa a secretária ligada pelo menos?
- Também não ia adiantar (...)

Tomás se senta nu entre os dois durante a briga, eles se levantam horrorizados pelo cheiro:

- **Que é isso?**
- **Que é isso?**

Tomás passa a mão no marido:

- **Que é isso**, ta me estranhando?

SAT-13

Na festa, o Tarzã ataca as mulheres, Andréa reage:

- **Que é isso?**

SAT-14

Miguel e Cláudia se esbarram na festa:

- Desculpe, Miguel.
- Cláudia, **que que** ce ta fazendo aqui no Brasil?

Depois da briga, o marido arruma a mochila, ela pergunta:

- Onde ce vai?
- Não sei, sair, escrever, correr na Lagoa.

Na festa, Andréa diz:

- Queria ficar. Onde é que o sr. estava? Falando de negócios com um monte de gente chata.

Cláudia perdeu sua carona, Miguel diz:

- Fica lá em casa, não tem problema.
- Como é que é? (Andréa, indignada)
- Não, obrigada. (Cláudia, sem graça)
- Ah, não, imagina, ce não vai incomodar. (who?)

SAT-15

Tomás se insinua para Malu, fazendo uma massagem:

- **Sabe o que que é?** Esse lugar não tá bom pra fazer massagem. Essa massagem tem que ser feita com um oleozinho que eu trouxe da Índia (...)

Se volta da festa no ap2:

- Você pode me deixar dormir, por favor?
- Como é que você vai dormir, doidão do jeito que você está? Acha que eu não sei que você está doidão?

SAT-16-17-18

Discussão na cozinha do ap1:

O marido e o amigo ficam discutindo sobre o comportamento de Ana, ela reage:

- **Que história é** essa de ficar falando da minha vida? **Que que é** isso? **Que que é** isso? (exaltada) Quem sabe do que eu preciso sou eu. Sabe do que que eu tou precisando? Ficar longe de vocês!

SAT-19

Ana saindo de casa:

- **O que é isso**, conversar? Agora ce quer conversar?
- Ce ta me abandonando, é isso?

SAT –20-21-22-23-24

Depois das separações, homens e mulheres em aps diferentes:

Miguel está observando o ap de frente com binóculos:

- **Que que** ta pegando, Miguelito?
- **Que que ces tão** fazendo ?
- O dia inteiro na piscina, ( ) devem estar sentindo nossa falta.

Chega o amigo gay de Claudia:

- Quem é esse cara?

Elas se dão conta de que estão sendo observadas e começam a tirar as roupas:

- **Que é isso?** Elas estão tirando a roupa pro cara.
- Que ridículo, que mico!

O amigo de Claudia começa a fazer strip-tease:

- **O que foi?** Estão abrindo a cortina de novo.
- **O que é isso??**

Cláudia no zoológico, falando com o macaco:

- Como é que eu fui botar minha vida nas mãos de uma pessoa?

Escritor para si mesmo:

- Que horror. Quem foi que me chamou para escrever sobre luxúria?

SAT-25-26-27

A mãe dele chega ao ap:

- Mas **que que ta** acontecendo aqui? Você trocou a fechadura da porta sem me avisar? Não posso entrar na minha própria casa, é isso? Gente, que nojo! (vendo a bagunça)Carlos Fernando, **que que está** acontecendo?
- Eu devia ter avisado...

- **Que que cê** tá fazendo aqui, mãe?
- Mas eu não posso vir dar um beijo no meu próprio filho?

Entra Tomás:

- Oi, Verinha, como é que vai essa beleza?Essa força? Como é que ta?
- Tomás, meu querido, quanto tempo! Chegou quando?

Chega o terceiro:

- Olá!
- E esse é quem? (cheia de interesse)
- Miguel Leibovitz, prazer.
- Iara Fernandes, encantada.

SAT-28

Na porta da garagem:

- Peraí,perai!
- **Que que foi**, Tomás?
- Desde que você brigou como Carlos, você está esquisita comigo também. Só queria dizer que não tive culpa do que aconteceu entre vocês. Eu fiquei .... tb.
- Mas eu ainda amo o Tomás.
- E a gente?
- Não tem a gente, Tomás. Não tem a gente.

Carlos no Ap2, Andréa abre a porta, Tomás:

- Cadê a Ana, taí?
- Ta dormindo, quer que acorde?
- Não, não faz isso não.

Ao telefone, Claudia e Miguel:

- Claudia? Tudo bem?
- Tudo bem.
- Andréa, como é que ta?
- É, se erguendo, né? E você, como ta?
- É, tou bem; Eu não sei, confuso pra cacete.

SAT-29-30

Miguel no ap com Andréa:

- Ce quer levar isso?
- Não, imagina. A não ser que você queira me acompanhar. São só dois copos.
- Ah, então é pra isso o gelo.
- Me acompanha?
- **Que que ce tem** aí?
- Absinto.

- Absinto, nunca tomei absinto.
- Sempre tem uma primeira vez.
- Tem gosto de anis.
- E o bom, **sabe o que que é?** É que não precisa beber muito porque como sobe muito rápido, você fica doido muito rápido.

## SAT-31-32

Miguel entra no ap:

- **Que que** você quer agora, Miguel? (irritada)
- Eu vim pegar meus ternos, né? Isso aqui é minha casa, pó!
- Vai pegar seus ternos, vai!

Miguel vê a roupa sendo puxada pelos dois amantes para detrás do sofá:

- **Que é isso!!** (briga geral)
- Peraí,peraí. Brigar não vai levar a nada.
- Como é que você fez isso, Tomás?
- Sou homem, pó, sou homem.

## SAT-33

Claudia e Ana:

- Minha menstruação está atrasada 1 mês e meio, enjoô, mau humor, sono...
- E aí, **que que ce** vai fazer?
- Não sei, mas acho que eu vou tirar.

## SAT-34

Ana voltou pra casa:

- Droga, gente, eu não vou me perdoar nunca.
- **Que que foi?** Não importa.

## SAT-35-36

Toca a campainha, entram Tomás e Ana:

- **Que que ces** tão fazendo aqui, ehm ?
- Vocês são tudo que eu tenho mais próximo de uma família que eu pude ter na minha vida.

Ele joga as coisas de Tomás pela janela, Tomás grita:

- **Que é isso???**

Casal no final, reconciliação:

- Vai viajar? Vai pra onde?

Ele fala de seu novo livro

- To meio insatisfeito com o final.

- Por que a gente não discute o final?

### Deus é brasileiro

DB-1-2

No sonho, X entra correndo na sala, o santo pergunta exasperado:

- **O que é isso?**
- Baudelé Vieira, meu santo.
- Caloteiro. (atirando)
- Agiota!
- Não deixe esse após... embarcar sem me pagar o que deve, meu santo.
- **O que que esse usuário sem coração** está fazendo aqui de contrabando?

DB-3

Na realidade, X fala com seu pai sobre Baudelé, quando entra sua irmã de véu:

- O quê? Ta indo pra igreja de novo?
- Padre Ambrósio mandou me chamar.

O irmão olha pra ela de modo estranho, ela pergunta:

- **O que foi?**

Deus aparece numa estaca.

- Como é que vc não ta molhado?
- Não vim nadando.
- Quede o barco?
- Tb não vim de barco.
- Ta danado! Cadê seu helicóptero então?
- Ainda que mal lhe pergunte .. qual é sua graça?
- É que eu sou Deus.

DB-4-5-6

Deus faz surgir vários peixes que envolvem o barco voando.

- **Que é isso? Que é isso? Que é isso?**
- Não fique nervoso!

Na despedida:

- O Sr. ta achando alguma coisa engraçada aqui?
- To pensando como é que você vai arrumar dinheiro pra pagar Baudelé Vieira.
- Como é que o Sr. sabe?

No velório:

- Eu vou pra São Paulo com você.
- Quem foi que lhe convidou?

DB-7

Na feira de Penedo:

- Então, não vai me dizer que vai ter outro strip tease?
- **Que que você** veio fazer aqui em Penedo?
- Ó, é a senhorita H!

Na feira:

- Onde é que fica essa B. Teimosa?
- Recife.
- Eu tenho que ir lá ver Quincas das Mulas.

No caminhão:

- É ela, não ta vendo não? A menina.
- Onde é que vocês se meteram? Suba, professor.
- Simbora pra Recife.
- De quem é esse veículo, menina?
- Acabei de roubar o caminhão, simbora?

Em Recife:

Depois do milagre:

- Como é que o tu conseguiu fazer aquilo tudo? Só pode ser hipnotismo.
- Tudo que o ser humano imagina pode existir, é só uma questão de crer.

No ônibus:

- E esse conserto ainda vai demorar muito?
- Só Deus sabe.
- E onde é que ele ta?
- Deus?
- Não, o professor.
- Sei lá eu.
- Onde é que esse cara se meteu?

Casamento na roça:

- Que mal lhe pergunte, mas para onde tão indo? Quer dizer, se é que eu posso saber?
- Pro Vale do Baticum, conhece ?

DB-8

A noiva com medo de Deus não quer dançar com ele, seu noivo diz:

- Vá, Luzinete, dance com ele. **Que que ta** acontecendo? Vá, dance com ele.

Na cidade:

- Cadê o professor, ehm?
- Você tem que parar de pensar nesse solteirão.

DB-9

Lendo uma notícia no jornal:

- Esse aí é Quincas das Mulas, tenho certeza.
- **O que que** tu tanto quer com esse Quincas?
- É nada não, é emprego que o professor que arrumar pra ele.
- (...)
- Onde é que fica o Jalapão?
- No Tocantins.

No Tocantins:

- O senhor pode me fazer a fineza de dizer como é que o sr. pretende achar Quincas por aqui?
- Não se meta no que não é da sua conta.
- O senhor tem certeza de que é só Quincas das Mulas que serve pro serviço?
- (...)
- Será que o senhor poderia me fazer a gentileza de dizer como é que o nós vamos pagar a informação do menino aqui, Moisés?
- Messias.

DB-10

Na casa do matador de aluguel:

- Então, qual é o serviço que vocês têm pra mim? Quem é a vítima? Podem confiar em mim.
- O sr. me desculpe, mas acho que ta havendo um mal-entendido.
- (...)

- É o progresso, **que que se há de fazer!**

DB-11

Nos índios:

- É ele, Taoca. Quincas das Mulas.
- **Que é que vocês** querem comigo?
- Preciso falar com você.
- Sobre o quê?
- Eu tenho uma proposta pra lhe fazer.
- Mas que proposta?
- Isso é um assunto delicado que eu prefiro abordar em particular.

A sós, na mata, Deus e Quincas, Deus imitando passarinhos.

- Como é que ce consegue imitar tão bem tudo que é passarinho?
- Fui eu que fiz tudo que é passarinho e todo o resto também. Fui que eu fiz tudo isso.
- Quer dizer então que seu entendo, você é Deus?
- E eu estou querendo lhe chamar pra santo.
- Como é que é?
- Eu cansei dessa esculhambação de vocês e resolvi tirar umas férias.

Depois da decepção com Quincas das Mulas, Taoca pergunta:

- E agora, onde é que a gente vai?
- Vou ter que sair por onde entrei, senão vou ter que bulir em tudo de novo (...)
- O senhor vai simhora? Assim, sem mais nem menos? Acabou?
- Vou.
- Ta certo, a gente aqui se lascando pra colaborar com ele e na hora do vamos ver ele vai simhora pro descanso dele nas estrelas? E eu, onde é que eu fico?
- Você fica aí, devendo a Deus e o mundo.

DB-12

Taoca e Deus:

- Por que não diz logo que ta com saudade de Madá?
- Eu? Eu mesmo não.
- Hora dessas ela deve ter ido embora já. Deve ter ido com o primeiro homem que apareceu.
- Ah, então é dor de corno. **O que que a sua** alteza entende disso? Nunca nem namorada teve.
- Por que que só quando vocês perdem alguma coisa começam a achar que era bom?

## DB-13-14

No ônibus

- **O que é que** tu ta fazendo aqui tão longe da ilha?
- Seu Baudelé Vieira ta levando a gente pro norte.
- (...)
- Professor, ó... (mostra Madá). Elas tão indo pro norte pra fazer a vida lá
- **E o que é que tem?**
- O senhor vai deixar ela ir?
- Você é o quê dela?
- Nada. O senhor me desculpe muito, mas o senhor é por demais irresponsável.
- Vocês amam demais. Às vezes eu me pergunto onde é que vocês vão buscar tanta vocação pra isso.

## DB-15

No barco, voltando pelo rio

- Ta batendo um nordestezinho bom. A gente pode chegar logo logo onde você me encontrou.
- Ta certo.
- **O que é que** o senhor fazia antes de criar o céu e a terra?
- Deixa de ser burro que naquela época o tempo não existia.

## DB-16

Na beira do rio

- Ele pagou por ela. Comprou ta comprado.
- Onde é que o senhor pensa que tá?
- Esconde lá na ilha, Baudelé Vieira vai acabar esquecendo.
- Eu preciso de dinheiro professor, sou que nem seu santinho não.
- **Que santinho que** é esse?
- Nada, pesquisa que o professor ta fazendo.

## DB-17-18-19

Depois dos tiros disparados da margem, Taoca pensa que Madá morreu:

- O tiro pegou bem na medalha.
- Quando eu vi que tava viva, achei melhor fingir de morta, pra Baudelé ir simhora duma vez, não é? Acho que deu certo.
- (...)
- **Que que tu** tava dizendo ainda agora?
- Que tu tava viva.
- Não, antes, quando eu tava morta. Tava preocupado comigo, Taoca?
- (...)
- **Que que** o professor foi fazer ali?

- Esse sujeito é meio amalucado mesmo. Se tem problema na idéia. Deixa ele pra lá.
  - Eita, cadê o professor?
  - **Aquilo ali é o que?**
  - Um pé de pitanga.
- (de noite)
- Não to vendo mais o cruzeiro do sul.
  - Pra onde é que a gente vai agora?
  - Não sei, depois a gente pensa.

### **Bendito Fruto**

Em casa, antes de sair:

- Onde é que ta a capanga?
- Sei lá. Deve estar no quarto.

No salão, cabelereira pede pra manicure:

- Cadê meu sedução carnal?
- Peraí.

#### **BF-1**

Na cozinha:

- Por que que ela te chamou lá no hospital?
- Pra brincar de médico, **que que** ce acha?

Na novela:

- Amor verdadeiro só tem uma vez na vida.
- Como é que você tem tanta ceretza?

#### **BF-2**

Na cama, falando do filho que não sabe que X é o pai dele:

- **Queria saber que que** ele vai fazer quando ele te conhecer. Ce não desistiu não, né?
- Deixa ele chegar que a gente decide isso.

#### **BF-3**

Entrega da bolsa perdida no acidente, taxista e Choquita:

- Pode deixar aí que eu entrego.
- **Sabe o que que é**, eu queria saber se rola uma gratificação.

#### **BF-4**

Choquita experimenta o babydoll roubado da acidentada, sua colega vê:

- **Que é isso?**
- Presente do meu noivo.
- Presente do dia das bruxas!!

## BF-5

Na cozinha, a empregada-amante enciumada pergunta ao patrão:

- **Que que** ela quer?
- Ela quem?
- A embueirada.

No quarto de Maria, a acidentada e o patrão:

- Quem é? (apontando para uma foto)
- É o filho dela, mora na Europa.
- Onde é que tem coador de café?
- Coador de café??

No restaurante, o ator, Maria e o filho:

- Vocês se conheceram como?
- Numa festa.

## BF-6-7

Na rua, menino de rua falando com a acidentada:

- Posso ajudar a carregar sua bolsa?
- **O que que é isso aí?** (apontando para uma marca de queimadura)
- Meu padrasto.
- **O que que** ele fez?
- Ah, ele me tacou o ferro de passar. Pó, paga um refrigerante aí.

À mesa, a acidentada e X:

- Ta bom o empadão?
- Uma delícia. De que que é?
- De camarão. Amanhã eu faço arroz.

O filho pede carona a X:

- Ce ta indo pra onde?
- Pra Botafogo, mas primeiro tenho que passar pela Lagoa.
- To indo pra lá mesmo.

## BF-8

No salão, depois do teste de garvidez, Choquita sabe que não está grávida, o namorado pergunta:

- **Que que ta** pegando?
- Nada.
- Se você ta com medo, pode ficar em casa.
- Não sou a cagona da Magali não.

BF-9

X é avisado da morte de Choquita pelo telefone:

- Ai, meu Deus, **que que ce ta me dizendo?**
- Ta, segura as pontas aí, eu estou levando a Virginia pro aeroporto.

BF-10

Cena final, reconciliação:

- Então, por que que ce foi pra cama com a Virgínia? A gente nunca vai ser uma família normal mesmo...
- **O que é uma família** normal? Se você está comigo eu estou feliz.

## Os aspones

ASP - 1

X entra nervoso na sala do chefe:

- É grave. Alguém desviou as pastas rosas.
- Desviou **o quê?**
- As pastas rosas, com os dados do país, os extratos do país (...)

Na nova repartição:

- Onde é que fica o cantinho de vocês?
- O cantinho da gente?
- É, onde é que ces levam aqueles papos tipo descontraídos. Tipo café, bebedouro.
- É, o café, bebedouro, ficam no mesmo cantinho.

ASP-2

O grupo conversando dobre o novo chefe:

- Jesus, **o que é isso?**
- Ele é o demônio. Nós habitávamos o paraíso, uma repartição sem chefe. Não podemos aceitar essa festa que ele está oferecendo pra nós.
- (...)
- Cadê minha bolsa? Onde é que eu deixei a minha bolsa?

## ASP-3-4

Hasteando a bandeira:

- Só uma coisa, eu não ocupo metade do meu cérebro.
- Exatamente, ou é que penso então como eu sei o que eu penso, eu tou dizendo pra você eu não penso.
- Ce pensa.
- Não penso, que coisa! Quer saber mais do que eu que penso.
- Eu quero, porque você ta pensando que é pensar conscientemente, mas o seu subconsciente ta fervilhando de pensamentos imundos, sacanagem...
- **Que é isso? Que é isso?**

## ASP-5

Chefe põe música:

- Gente, Osvaldo Montenegro, Ivan Lins. **O que que ta** acontecendo? Pelo amor de Deus, Sabe?

## ASP-6-7

Chefe tenta conquistar a amizade do único homem:

- **Sabe o que que é?** Nós dois somos os únicos homens aqui. Nós temos que nos unir, saca?
- Saco. Entendi. União é fundamental.
- Fundamental. P.ex. as três, agora, estão lá no banheiro. Fazendo **o quê?** Tão lá peladas?

## ASP-8-9-10

Segundo dia:

- Nós vamos procurar a ficha de uma certa cidadã brasileira que precisa pagar pelos seus atos.
- Vamos? De quem?
- Beth. Deve ter milhões de Ledas Marias no Brasil.
- **Que nada!** Você conhece outra?
- Não, mas eu conheço várias Ledas e todas essas Ledas podem se chamar Ledas Marias sem que a gente saiba., porque a pessoa esconde esse segundo nome com vergonha (...)
- Ta bom, mas **o que é que tem aqui?** O que é que tem aqui? Documentos obrigatórios. É **o que mais** o brasileiro é obrigado a tirar nesse país? Fotos 3x4.

## ASP-11-12-13-14-15

No centro, falando com o chefe que o promoveu:

- É o meu segundo dia no FMDO e não tem nada pra fazer lá.
- Sei, e **o que é que tem** de errado?
- Bem, um órgão que não serve pra nada, pessoas ganhando salário para não fazer nada.
- E eu repito e pergunto: **O que é que tem** de estranho?
- Todo mundo fica falando mal dos outros o dia inteiro.
- É como qualquer escritório no Brasil. Falar mal dos outros é o grande verdadeiro esporte nacional , não sabia? Veja bem, **o que é** a democracia, se não um falando mal do outro? **O que é** a liberdade de imprensa se não o direito de falar mal dos outros? A ONU, **o que é**, além de um país falando mal do outro? Você está sendo extremamente preconceituoso.

### A grande família – I – O vizinho

#### GF-1

Agostinho chama a polícia após ver uma pessoa suspeita rondando uma casa, tumulto. Lineu pergunta:

- **O que que ta** acontecendo aí na rua?
- Um cara tentou invadir a casa aí de frente.

#### GF-2-3-4

Após o mal-entendido, o marido convida o novo vizinho para jantar, Agostinho é contra:

- Por que não pode? Claro que a gente vai, a gente foi tentar consertar a asneira que você fez.
- Mas ele é...
- Ele é uma pessoa educadíssima que compreendeu o mal-entendido e aceitou almoçar com a gente no sábado.
- **Ele é o quê?**
- Almoçar com a gente? Que é isso? O cara.... ele é...
- **Ele é o quê?**
- Gente, pó, ele pé preto.
- E daí?
- E daí? O Agostinho vê um cara entrando na melhor casa da rua e ainda leva uma dura por ter chamado a polícia? Como é que ele ia adivinhar que o cara era dono da casa? Se o cara é ... é... afro-brasileiro?
- **Que é isso**, Bebel? Isso é puro preconceito. Eu duvido que Agostinho suspeitasse se fosse alguém tipo o Guga, tipo o príncipe Charles.

#### GF-5

Na casa do vizinho, depois do roubo, o vizinho bebendo por ter perdido o emprego:

- Mal você entrou já fiquei jogando em cima de você os meus problemas.
- Vamos manerar.
- Vamos conversar.
- **O que foi mesmo que** você veio me perguntar?
- Você sabe onde fica Sumatra?

GF-6

Em casa, depois do porre:

- Aqui, Lineu, ce ta péssimo, mas eu tenho que te dizer: ce foi covarde.
- **O que que aconteceu** comigo, Nenê? Como é que eu fui me deixar levar pela conversa do Agostinho? Prejudiquei um homem honesto!

GF-7

Durante a noite, Lineu e Agostinho acordados na cozinha:

- Pô, Lineu, pô, cara! Virou assombração?
- E você, ta fazendo **o que**, aqui no escuro?
- Não, sei lá, ta fazendo o que aqui você?
- Vim tomar esse leite pra ver se eu durmo. Essa história do celular e o whisky do Otávio não me deixam dormir.

GF-8-9-10

Depois da confissão de Agostinho, ele todo sujo de lixo jogado pelo vizinho, com raiva, toda a família reunida no café da manhã, rindo e reclamando do fedor:

- **Que que é** isso, Agostinho!? To comendo.
- Nossa Senhora, amor, **que que** aconteceu?
- **O que** aconteceu?
- O Otávio me tacou a lata de lixo na cabeça, eu não reagi para não dizer depois que sou preconceituoso.

## A grande família II – Consciência é fogo

GF- 11-12

Na cozinha depois do porre, ouvindo o relato sobre o atropelamento:

- **O que foi que eu** fiz, agostinho? **O que foi que** eu fiz?
- Uma tragédia!
- Tanta gente nesse país cometendo barbaridades no trânsito.

GF-13-14

Na garagem, o carro saindo em disparada, fugindo:

- **Que é isso? Que é isso?** Volta aqui, ó! Olha só, o safado roubou meu carro! Vou na polícia!
- Lineu, melhor não meter polícia não...

GF-15

Avô na cozinha:

- Cadê o Lineu que não chega? Nenê, minha filha, eu tenho uma notícia ótima pra você.
- **Que que é**, papai?
- Foi o Agostinho que atropelou o Beißola, eu tenho certeza!

### A grande família III – A empregada

GF-16-17

Agostinho bolinando a empregada, a mulher chega:

- Agostinho! **Que é isso, que é isso????**

GF-18-19-20-21

Agostinho tentando convencer a família a dar dinheiro para apostar em cavalos:

- Ah, é? Seus amigos falam com cavalos? **Que mais que** eles fazem, fumam c.....?
- Ai, vô, **que que tem?** Tem gente que até fala com plantas.
- Tem, tem mesmo. Um momento que esta planta está me chamando.
- **O que é, filha?** Ah, ela está me dizendo que o Agostinho é um idiota.
- A outra lá tomando banho de sol e você pensando aqui em cavalo. **O que que vocês** tão pensando, que a vida é um mar de rosas?

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)